

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JHONATHAN JAMES DE SOUSA

O DISCIPULADO NUMA PERSPECTIVA BÍBLICA, TEOLÓGICA E PASTORAL

São Leopoldo

2016

JHONATHAN JAMES DE SOUSA

O DISCIPULADO NUMA PERSPECTIVA BÍBLICA, TEOLÓGICA E PASTORAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725d Sousa, Jhonathan James de
O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e
pastoral / Jhonathan James de Sousa ; orientador Verner
Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.
84 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Discipulado (Cristianismo). 2. Bíblia Marcos 3 –
Crítica, interpretação, etc. 3. Vida cristã – Ensino bíblico. 4.
Membros da Igreja. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JHONATHAN JAMES DE SOUSA

O DISCIPULADO NUMA PERSPECTIVA BÍBLICA, TEOLÓGICA E PASTORAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de aprovação: 10 de janeiro de 2017.

Verner Hoefelmann – Mestre em Teologia – Faculdades EST

Flávio Schmitt – Doutor em Ciências da Religião – Faculdades EST

RESUMO

Este estudo objetiva trazer uma compreensão mais eclesial sobre o processo do discipulado e sua aplicabilidade na igreja local, levando em conta, os contextos teológico, pastoral e bíblico de algumas passagens das Sagradas Escrituras, em especial, a passagem do evangelho de Marcos 3.14. A pesquisa se organiza em quatro capítulos. No primeiro, é feita uma análise sobre o chamado ao discipulado levando em conta os passos presentes no texto de Marcos 3.14. No segundo, após rever o processo do chamado feito por Cristo aos discípulos, busca-se entender o que é um discípulo, a sua formação dentro da teologia bíblica, características e o significado de ser um discípulo de Jesus. O terceiro capítulo descreve uma compreensão, definições e benefícios do discipulado, levando em consideração os princípios bíblicos do discipulado de Jesus, e a junção entre discipulado e missão evangelística, visando à implantação do processo discipulador na igreja local. Já o quarto capítulo ressalta a relevância e contribuição do discipulado na prevenção da evasão dos novos membros e assim conter a apostasia no âmbito da igreja local. Por fim, é apresentada uma conclusão do estudo, dando uma predominante no discipulado como um estilo de vida e mostrando as cinco vantagens do discipulado na estrutura missiológica de uma igreja discipuladora.

Palavras-chave: Discípulo. Discipulado. Teologia Bíblica. Igreja Local. Missão Evangélica.

ABSTRACT

The goal of this study is to present a more ecclesiastical comprehension about the process of discipleship and its applicability in the local church, taking in account the theological, pastoral and biblical context of some passages of the Holy Scriptures, especially the passage of the Gospel of Mark 3:14. The research is organized in four chapters. In the first one, an analysis is made of the calling to discipleship taking into account the steps present in the text of Mark 3:14. In the second one, after reviewing the process of Jesus' calling the disciples, one seeks to understand what a disciple is, their formation within Biblical theology, characteristics and the meaning of being a disciple of Jesus. The third chapter describes a comprehension, definitions and benefits of discipleship, taking into consideration the Biblical principle of Jesus' discipleship and the joining of discipleship and evangelistic mission, aiming at the implantation of the discipleship process in the local church. The fourth chapter highlights the relevance and contribution of discipleship in the prevention of the evasion of new members and thus contains the apostasy within the local church ambience. Finally, a conclusion of the study is presented giving discipleship predominance as a way of life and showing the five advantages of discipleship in the missiological structure of a discipling church.

Keywords: Disciple. Discipleship. Biblical Theology. Local Church. Evangelical Mission.

SUMÁRIO

1 O CHAMADO AO DISCIPULADO	13
1.1 Chamando os que ele quis	14
1.2 Jesus escolheu doze homens	15
1.3 Conhecendo os escolhidos – Marcos 3.16-19	16
1.4 Propósitos do chamado	18
2 O QUE É UM DISCÍPULO?	23
2.1 O discípulo na teologia bíblica	24
2.2 Características de um discípulo	26
2.3 Como escolher um discípulo	27
2.4 Como fazer um discípulo	29
2.5 O que é ser um discípulo de Jesus	31
3 COMPREENDENDO O SIGNIFICADO E BENEFÍCIOS DO DISCIPULADO	35
3.1 Definindo discipulado	35
3.2 O que não é discipulado	36
3.3 Estágios do discipulado	37
3.4 Princípios bíblicos do discipulado de Jesus	46
3.5 O discipulado e a missão evangelística	47
3.6 Passos para implantar o discipulado na igreja local	52
4 O DISCIPULADO E A PERMANÊNCIA DOS MEMBROS NA IGREJA.....	57
4.1 O discipulado como um estilo de vida	59
4.2 Discipulado e amizade	60
4.3 O pequeno grupo e sua contribuição para o discipulado	63
4.4 A alegria de pertencer a uma igreja discipuladora	68
4.5 Seja um membro discipulador	69
CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS.....	79

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo em um mundo em que dificilmente alguém queira parar para ajudar a formar uma pessoa em todos os aspectos necessários para o seu crescimento pessoal. O mundo está cada vez mais inclinado a uma ideologia individualista e privativa. As pessoas estão se tornando mais isoladas e alheias à vida em comunidade.

O evangelho de Marcos não é somente a história de Jesus, mas relata também a história sobre Jesus e seus discípulos. Se a principal ênfase teológica de Marcos está na cristologia, um enredo secundário vital e uma análise do significado de seguir a Jesus. George Eldon Ladd apresenta a exploração desse tema da seguinte maneira:

Por intermédio de uma descrição dos primeiros discípulos de Jesus, em seus privilégios e em suas falhas, em sua experiência de estarem com Jesus e, especialmente, nos ensinamentos que Ele lhes deu. Esse enfoque no discipulado fica particularmente evidente na seção que liga o ministério na Galiléia ao apogeu da visita a Jerusalém (Mc 8.27 – 10.45), mas de 1.16 em diante, os discípulos nunca estão longe de cena.¹

Se a obra do Messias envolve rejeição e sofrimento, em vez de popularidade, triunfo e reconhecimento, então os seguidores do Messias não devem esperar algo melhor do que isso. O discipulado tem seu preço e envolve muita renúncia daqueles que nele se envolvem para valer. Não há espaço para a formação de “estrelas”, mas sim, de discípulos. Podemos, então, entender, que a teologia de Marcos serve tanto para o discípulo como para o mestre. E que não há nenhum lugar para um triunfalismo privilegiado. É como se Marcos estivesse jogando contra qualquer possibilidade que coloque um seguidor de Cristo em uma elevada posição que o impedisse de envolver-se na missão e no processo do discipulado.

Portanto, entende-se o discipulado necessariamente como um processo desconfortável, cheio de renúncias e investimentos, pois somente assim será possível transformar um discípulo em um verdadeiro discipulador. A pessoa que se engaja no processo discipulador deve abandonar os valores egocêntricos vividos pela sociedade de hoje, e voltar-se para os valores da vida em comunidade e da partilha.

¹ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 299.

Então, ser um discípulo nas palavras de George Eldon Ladd:

Envolve tanto uma drástica renúncia, quanto entrar em um reino de privilégios (Mc 10.29 - 31); e a insensatez e o fracasso dos primeiros discípulos são compensados pela revelação especial, que por fim os capacitará para que possam cumprir sua mais sublime responsabilidade. Os dois aspectos contrastantes do discipulado, desse modo, refletem os dois pólos da cristologia paradoxal de Marcos.²

O discipulado trabalha diretamente com a multiplicação de discípulos e a formação de novos líderes. Nas palavras de Josué Campanhã:

Discipulado em sua essência é um processo multiplicador, mas, acima de tudo, é um processo transformador. Discipulado gera resultados numéricos na comunidade, mas em cada pessoa gera uma nova perspectiva de vida. Quando igrejas decidem envolver seus membros e novos convertidos no processo de discipulado, estão optando por desafiar as pessoas a experimentarem transformações profundas na vida, e ajustes diários para adaptar o caráter ao caráter de Deus.³

Dessa forma, devemos entender que o processo do discipulado surge em uma igreja com a intenção e a missão de atender as necessidades dos membros que desejam experimentar um pouco mais da vida cristã e levá-los a terem uma fé mais sólida, pois os mesmos estarão envolvidos e comprometidos com o estudo da Bíblia e o cumprimento da missão.

² LADD, 2003, p. 300.

³ CAMPANHÃ, Josué. *Discipulado que transforma: princípios e passos para revigorar a igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 7-9.

1 O CHAMADO AO DISCIPULADO

De acordo com Keith Phillips, “o chamado de Cristo para o discipulado é um chamado para a morte de si mesmo, uma entrega absoluta a Deus (Lc 9.23, 24)”.⁴ O chamado ecoou nos ouvidos dos discípulos e prontamente eles responderam ao Mestre. Aceitar o chamado para ser um discípulo e logo após um tempo de treinamento e nutrição sair para discipular, requeria dos discípulos uma atitude de extrema obediência aos ensinamentos de Cristo. Citando Oswald Chambers, Waylon B. Moore faz uma observação a respeito da recusa do chamado: “Se eu ouvir o chamado de Deus e me recusar a obedecer torno-me o mais estúpido e vulgar dos crentes, porque ouvi e vi, e me recusei a obedecer”.⁵

Outra implicação de aceitar o chamado de Jesus era a renúncia de tudo e todos para seguir unicamente a Cristo. Nas palavras do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer ao comentar sobre o chamado e o compromisso com quem chama o discípulo: “O chamado ao discipulado é, portanto, comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama. Cristo chama, o discípulo segue”.⁶

Aceitar o chamado para o discipulado levará o discípulo a ter que viver uma nova vida e ter outras experiências de vida. Dietrich Bonhoeffer afirma que:

Ser discípulo significa dar alguns passos. Já o primeiro passo que segue ao chamado separa o discípulo de sua existência anterior. Assim, o chamado ao discipulado cria imediatamente uma nova situação. Permanecer na situação antiga e ser discípulo é impossível. A pessoa que era chamada compreendia que, para ela, só havia uma possibilidade de fé em Jesus, a saber, abandonar tudo e ir com o Filho de Deus feito ser humano.⁷

Quem aceita o chamado de Jesus precisa entender que, a partir de então, viverá uma vida dirigida por Cristo. Sua missão e vontade farão parte da sua vida. Como discípulo, a pessoa decide seguir extremamente o que o seu mestre faz, e andar em conformidade com os ensinamentos aprendidos. Para Otoniel de Lima Ferreira “Ser um discípulo de Jesus requer obediência à voz do Espírito Santo.

⁴ PHILLIPS, Keith. *A formação de um discípulo*. São Paulo: Vida, 2008. p. 20.

⁵ CHAMBERS, 1955 apud MOORE, 1990, p. 97.

⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 12. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 21.

⁷ BONHOEFFER, 2013, p. 23-24.

Jesus prometeu batizar os Seus discípulos com o Espírito Santo, e assim, teriam eles poder para levar o evangelho a todo o mundo”.⁸

1.1 Chamando os que ele quis

Há uma ênfase na iniciativa de Jesus ao escolher os doze. Para Sebastião Armando G. Soares e João Luiz Correia Júnior “é ele quem convoca por força de sua própria autoridade. E a escolha é toda sua, pois convoca ‘os que queria’ (Jo 15.15,16). O verbo empregado sugere o comprazer-se, a predileção de Deus por seu povo”.⁹ Os que são oficialmente convocados vão até o mestre em resposta ao chamado que lhes foi feito.

A escolha é de Jesus. E os que são chamados têm de viver um longo e penoso processo de conversão, processo não linear, pois pontilhado de avanços e recuos. É esta, inclusive, condição importante para chegar a compreender profundamente a fragilidade dos irmãos, fugindo de qualquer sentimento de auto-suficiência ou de superioridade.¹⁰

Fazendo uma análise mais profunda, o teólogo Joel Marcus, trabalhando a partir de uma análise grega de algumas frases do versículo 13, traz ao leitor melhor compreensão sobre o chamado feito por Jesus a seus discípulos. Ele apresenta a seguinte conclusão:

As duas palavras (o verbo *proskaleitai* em voz média [Ihes chamou a ele] e o pleonástico *autos* [ele mesmo]) colocam em relevo o poder da escolha de Jesus, em quem vem a refletir o poder soberano da escolha de Deus no Antigo Testamento (Dn 7.6-8; Is 41.8-10). De uma forma significativa, em Is 45.4, a escolha divina vem acompanhada por uma mudança de nome, o mesmo acontece em Marcos. Este chamado divino cumpre seu efeito desejado, “porque a Palavra de Deus não volta vazia” (Is 55.11). Os escolhidos seguiram a Jesus.¹¹

Sustentando a ideia da iniciativa por parte de Jesus de escolher os doze discípulos, Carlos Bravo apresenta o argumento de que:

Jesus achou que já era a hora, e que já havia se formado um núcleo maduro de pessoas para iniciar a tarefa de reunificar o povo de Israel.

⁸ FERREIRA, Otoniel de Lima (Ed. Org.). *Uma igreja que cresce: métodos modernos e ideias básicas para o desenvolvimento da igreja de Deus*. Cachoeira, BA: Instituto de Crescimento de Igreja, 2012. p. 31.

⁹ SOARES, Sebastião A. G; CORREIA, João L. Júnior. *Evangelho de Marcos*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 169.

¹⁰ SOARES; CORREIA, 2002, p. 174.

¹¹ MARCUS, Joel. *El evangelio según Marcos: nueva traducción con introducción y comentario*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010. p. 301.

Colocou-se em oração e escolheu quem ele quis; chamou-os e eles o seguiram. Então criou o grupo dos Doze, para que partissem com ele e para enviá-los a pregar e com o poder de expulsar o mal. Criou os Doze, que seriam a base do povo de Israel reunificado. Doze cabeças de doze tribos. Não pretendia construir “outro Israel”, mas sim “o Israel convertido” ao Pai e a seu Reino. Era um gesto simbólico de profundo sentido messiânico, no qual todos os que compreendessem Jesus começariam algo novo.¹²

1.2 Jesus escolheu doze homens

Doze [*dodeka*] discípulos é sem dúvida, um número significativo, refletindo as doze tribos de Israel. Para Fritzleo Lentzen-Deis, o número “doze é uma cifra intimamente ligada com a história de Israel e é utilizada aqui para expressar a finalidade deste círculo”.¹³ Conforme Gerhard Lohfink, “o grupo dos discípulos não forma, portanto, uma nova comunidade fora do antigo povo de Deus, chamado por Jesus para substituir Israel. Essa seria uma ideia abíblica”.¹⁴ Nas palavras de Raymond E. Brown “Jesus escolhe os doze e educa-os como a discípulos por meio de parábolas e ações portentosas”.¹⁵ Para Gerhard Lohfink:

Bíblica seria, no máximo, a ideia do “resto sagrado” (1Rs 19, 18; Is 10, 20-22). Hoje sabemos que, no tempo de Jesus, esta ideia era teologicamente atualíssima. Os essênios de Qumrã interpretavam a existência da sua comunidade no meio de Israel com o auxílio da ideia do resto. Eles consideravam-se a si mesmos como o resto sagrado de Israel, eleito por Deus; todos os outros judeus que não pertenciam à sua comunidade e não se santificavam junto com eles, eram considerados *massa damnata*. Eles consideram-se a si mesmos “filhos da luz”, e todos os outros, “filhos das trevas”.¹⁶

Mas deve-se entender que a comunidade dos discípulos de Jesus só pode ser compreendida em sua relação simbólica com todo o povo de Israel. E a mesma representa uma prefiguração escatológica do povo de Deus. Nas palavras de Gerhard Lohfink:

A esta correlação de comunidade de discípulos e Todo-Israel corresponde uma observação no nível ético que se faz sempre quando se examina o ensinamento moral de Jesus nos seus pormenores: é muito difícil distinguir entre instruções de Jesus, dadas somente para os discípulos, e instruções dadas a todo Israel. Estas dificuldades de diferenciar estão fundadas no

¹² BRAVO, Carlos. *Galiléia ano 30: para ler o evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 44.

¹³ LENTZEN-DEIS, Fritzleo S. J. *Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización*. Espanha: Verbo Divino, 1998. p. 109.

¹⁴ LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades?: a dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 53.

¹⁵ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 210.

¹⁶ LOHFINK, 1986, p. 53.

próprio assunto: o ensinamento moral de Jesus deve ser vivido no grupo dos discípulos, ao mesmo tempo é ensinamento para o povo todo. Esta obscuridade aparente é explicada pelo fato de o grupo dos discípulos representar simbolicamente o Israel escatológico.¹⁷

A compreensão de que a comunidade dos discípulos representa a todo o povo de Israel, também é compartilhada por Ivoni Richter Reimer:

A tradição eclesiástica acerca dos Doze é importante, porque remete às doze tribos de Israel, à totalidade do povo de Israel. Com isso, o Evangelho indica um desafio do movimento de Jesus, que seria o de reunir e renovar Israel nesse momento crítico de sua história (Guerra Judaica).¹⁸

Para Alexander Balmain Bruce, ministro e professor de seminário evangélico na Escócia, “o número do grupo apostólico é significativo e, sem dúvida, foi uma questão de escolha, não menos que a composição do grupo. O número doze foi recomendado por razões simbólicas óbvias”.¹⁹

O chamado ao discipulado é aberto a todos os que querem engajar-se em seu seguimento. Toda pessoa procedente ou não da descendência de Israel, pode ser um discípulo e também um discipulador. Para João Inácio Wenzel:

Os “doze” não representam a totalidade dos seguidores. Há outros discípulos que o seguem, como Levi que é chamado explicitamente e não figura na lista dos “doze”. Possivelmente representa o grupo de seguidores que não procedem do Israel institucional, sejam judeus de raça ou não.²⁰

1.3 Conhecendo os escolhidos – Marcos 3.16-19

Leroy Eims ressalta que “os homens escolhidos por Jesus eram pessoas comuns, pescadores, coletores de impostos e outros. Quando chegou a hora de escolher os que deveria treinar, passou a noite em oração”.²¹ Jesus não escolheu quem demonstrou interesse, mas sim, aqueles que Ele mesmo viu que podiam ser seus verdadeiros discípulos. Para Leroy Eims, os doze escolhidos por Jesus “não eram apenas homens comuns, eram diferentes uns dos outros; não doze cópias! Não eram doze soldadinhos de chumbo moldados na mesma forma”.²²

¹⁷ LOHFINK, 1986, p. 54, 55.

¹⁸ REIMER, Ioni Richter. *Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 98-99.

¹⁹ BRUCE, Alexander Balmain. *O treinamento dos doze: princípios bíblicos saudáveis para o desenvolvimento da liderança e do discipulado*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 39.

²⁰ WENZEL, João Inácio. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 64.

²¹ EIMS, Leroy. *A arte perdida de fazer discípulos: uma orientação prática àqueles que querem discipular*. Belo Horizonte: Atos, 2002. p. 33.

²² EIMS, 2002, p. 33-34.

O grupo escolhido por Jesus é bastante heterogêneo.²³ O primeiro da lista foi Simão Pedro. Isso chama a atenção para sua posição de liderança diante do grupo. Logo vem Tiago e João, os filhos de Zebedeu, depois André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e por último, Judas Iscariotes. Eles receberam apelidos, assim como os líderes de Israel (Abraão, Gn 17.5; e Isaque, Gn 32.28).²⁴

Para os eruditos Giuseppe Barbaglio, Rinaldo Fabris e Bruno Maggioni, “os que Jesus escolheu não são puros, nem heróis; são galileus, com a exceção de Judas que vem da Judeia, homem de classe média, os quais partilham as esperanças e os medos do seu ambiente”.²⁵ Os mesmos comentam que:

O fato de serem lembrados sempre em companhia do traidor, que fecha a série, é um constante convite a não se considerarem fundadores de uma dinastia espiritual, mas chamados pela suma liberdade de Deus para testemunhar seu amor gratuito, que se manifestou em Jesus de Nazaré.²⁶

O evangelista e escritor alemão Reinhard Bonnke, em seu livro *O Tempo está se esgotando*, afirma que “os discípulos eram homens comuns. Eles eram simplesmente qualquer pessoa. O que Jesus operou por intermédio deles, poderia ter feito com qualquer um, até mesmo você ou eu. Certamente eles não eram especiais”.²⁷

²³ BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI também comentam sobre a lista dos doze da seguinte forma: “Com uma costura, que se pode notar no estilo embaraçado (3.16a). Marcos acrescenta à cena da constituição dos doze a lista dos nomes, com algumas anotações marginais. O elenco oficial dos doze começa com Simão e termina com Judas. Do primeiro indica-se o novo nome, Pedro, que Jesus lhe deu como sinal de seu novo destino e sua nova tarefa histórica; do último, Judas Iscariotes, lembra-se o triste papel que teve na história de Jesus. Também para os filhos de Zebedeu, os irmãos Tiago e João, é mencionado o apelido de Boanerges, que Marcos explica como filhos do trovão. Também o segundo Simão recebe um apelido, para distingui-lo de Pedro, e é indicado com o apelido cananeu, o que na lista correspondente de Lucas é traduzido como zelota (Lc 6.15). Este último, junto com Judas, seria, segundo alguns autores, adeptos do movimento dos zelotas, que propugnavam a libertação da Palestina dos romanos com a luta armada” Ver: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 454.

²⁴ v. 17. No antigo Oriente Médio o nome estava estreitamente relacionado à própria essência do ser de uma pessoa. Por exemplo: “Boanerges” que significa “filhos do trovão”, refere-se ao caráter de Tiago e João.

²⁵ BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI, 1990, p. 454.

²⁶ BARBAGLIO; FABRIS; MAGGIONI, 1990, p. 454.

²⁷ BONNKE, Reinhard. *O tempo está se esgotando*. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2009. p. 164-165.

É de se imaginar como a nova família de Jesus estava cheia de pessoas com diferentes traços de caráter.²⁸ E isso poderia causar alguns momentos de desacordos entre eles. Dewey M. Mulholland comenta o seguinte:

Espera-se que surjam diferentes personalidades em doze homens vindo de experiências de vida tão diversas. Embora Marcos não mencione, é fácil imaginar os conflitos gerados entre Mateus, cuja profissão o ligava aos odiados romanos, e Simão, o Zelote, simpatizante do movimento nacionalista que pregava a guerrilha contra Roma. Jesus deliberadamente escolhe doze dentre as diferentes regiões do país e de diferentes facções do judaísmo, a fim de tornar óbvio que seu chamado é extensivo a todos os Israelitas.²⁹

1.4 Propósitos do chamado

O evangelista Marcos apresenta o chamado feito por Jesus para o discipulado em três fases. Em resposta ao seu primeiro chamado (Mc 1.16 - 20), os discípulos o seguem e observam. Já no segundo momento, Ele os designa para a expansão de seu ministério (Mc 3.13 - 19). Uma vez que Jesus não estaria com eles para sempre (Mc 2.20), outros deveriam se preparar para ministrarem em Sua ausência. E por fim, Ele os envia numa missão (Mc 6. 6b - 8.26).

Usando sua autoridade de Mestre, Jesus escolhe seus companheiros, aponta os doze discípulos e especifica o propósito de seu chamado. Primeiramente, eles devem estar com ele. Esse relacionamento pessoal está implícito no “seguir-me”, as primeiras e as últimas palavras de Jesus aos discípulos no Evangelho de Marcos (1.7; 16.7). Jesus não os chama para ocuparem um cargo ou tomarem parte em uma instituição: ele os chama para si mesmo. Eles têm muito a aprender sobre Ele e sobre si mesmos. Para Euclides Martins Balancin, “ficar com Jesus significa estar unido a ele, comprometer-se com ele e com o seu projeto de vida e liberdade para todos”.³⁰

A expressão “estar, permanecer, estarem ou estivessem”, vem do grego *menō*, que significa: “ficar em um lugar, ficar com uma pessoa”. A mesma expressão pode carregar os seguintes significados: “manter-se firme em uma doutrina,

²⁸ Ver DEBARROS, Aramis C. *Doze homens, uma missão: um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de Cristo*. São Paulo: Hgnos, 2006. p. 83-501.

²⁹ MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1978. p. 71.

³⁰ BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o evangelho de Marcos: quem é Jesu?*. 7. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2005. p. 58.

permanecer em uma comunhão (Lc 19.5; 24.29; Mt 26.38)".³¹ Esse conceito destaca o princípio básico da associação dos discípulos com o seu próprio mestre. O mesmo revela que Jesus trabalhou com a estratégia de grupo, e também nutriu os seus discípulos com bons ensinamentos. Ele gastou tempo de qualidade com eles com treinamentos, comunhão e amizade.

Para os escritores Sebastião Armando G. Soares e João Luiz Correia Júnior

A primeira finalidade da escolha é "estarem com ele". Há aqui algo muito importante. São, antes de mais nada, os companheiros de Jesus, os que o seguem (Mc 5.40; 6.1), integrantes da intimidade de sua casa. A missão não é mera tarefa funcional. Não é simples exercício de profissão, mesmo que fosse religiosa. Acima de tudo é testemunho e se funda necessariamente numa experiência vital.³²

A ideia do "estar com ele" implica um processo de aprendizado e trocas de experiências. Para Adolf Pohl, aqui não cabe a compreensão de um aprendizado "mecanicamente, como marionetes, eles passaram para o lado dele, mas deram passos próprios na direção dele, preenchidos e iluminados por seu chamado. Todas as tensões soltaram-se".³³

A pedagogia de Jesus consistia em ensinar mediante as palavras, mas também por meio do exemplo. Em um primeiro estágio da formação dos discípulos, eles simplesmente observaram tudo o que Jesus fazia. Era o momento de aprender diretamente com o Mestre dos mestres. Podemos então chamar essa fase de "aprendendo a observar". E uma mensagem ficou bem clara na mente de cada discípulo: "seguir a Jesus implica estar com ele e aprender com ele".

Para Alexander Balmain Bruce, a fase inicial do treinamento dos doze discípulos envolvia "ouvir as palavras e ver as obras de Cristo. Ouvido e olho testemunhando fatos de uma vida sem igual era uma preparação indispensável para uma futura testemunha. Ouvir e ver parece ter sido a ocupação principal dos doze".³⁴

Jesus é o modelo de caráter. Porque o caráter determina a qualidade do serviço prestado, a formação do caráter precede o serviço. De outra sorte, a obra deles falhará, e eles mesmos vão fracassar. Assim, Jesus não se apressa a enviá-los, mas sim, em prepará-los. O foco do discipulado encontra-se no momento em

³¹ BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1651.

³² SOARES; CORREIA, 2002, p. 170-171.

³³ POHL, Adolf. *O evangelho de Marcos: comentário esperança*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1998. p. 1345.

³⁴ BRUCE, 2005, p. 47.

que Jesus os chama para “estarem com ele”; e só assim, os discípulos estariam prontos e autorizados para saírem inflamados no cumprimento da missão. Jesus investe fortemente na formação e preparo da sua equipe. O Dr. Christopher J. H. Wright comentando sobre o “estar com ele”, escreveu que:

Eles simplesmente deveriam passar tempo com Jesus; aprendendo dele; sendo treinados por ele; entendendo sua identidade e missão; pagando o preço do discipulado radical; testemunhando sua vida, seu ensino, sua morte e, acima de tudo, sua ressurreição. Isso, por si só, tornou esse grupo de doze um grupo único, tanto que quando Judas saiu, o critério que eles estabeleceram para substituí-lo incluía os mesmos elementos: ter sido testemunha de Jesus desde os dias de João Batista até a ressurreição (At 1.21, 22).³⁵

Qual seria então o pensamento de Jesus sobre o discipulado? Josué Campanhã diz que “a maior dedicação de Jesus durante seu ministério na Terra foi direcionada para a formação de um núcleo íntimo de seguidores, uma equipe bem treinada de colaboradores”.³⁶

Citando Juan Stam, Josué Campanhã apresenta outro pensamento sobre o discipulado em Jesus:

A prioridade no discipulado em Jesus era “ser discípulo”, custe o que custar, com ou sem “êxito”, até a própria morte. Somente depois desse seguimento custoso vem o segundo passo, “fazer discípulos” para o Reino. Este é o discipulado que cumpre a missão.³⁷

Antes de qualquer coisa, os doze homens escolhidos por Jesus tiveram que passar tempo com ele, foram verdadeiros discípulos, Jesus os ensinou e preparou. E esse processo de formação teve um período de três anos e meio. Tudo isso para depois serem discipuladores.

Segundo, ele os chama para que possa enviá-los. O verbo “enviar” é uma procedência do “grego *apostellō*, no geral, sugere uma comissão autorizada. Também tem a ideia de uma representação oficial”.³⁸ O envio dos discípulos tem esta mesma ideia: eles deveriam representar de maneira oficial a pessoa de Jesus. De acordo William L. Lane, “uma pessoa só podia representar a outra, quando há

³⁵ WRIGHT, Christopher J. H. *A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 253.

³⁶ CAMPANHÃ, 2012, p. 24.

³⁷ CAMPANHÃ, 2012, p. 25.

³⁸ VINE, W. E. *Diccionario expositivo: de las palabras del AT y NT exhaustivo de Vine*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2007. p. 333.

uma íntima relação, intimidade e conhecimento de quem representará”.³⁹ Então, Jesus autoriza e envia o grupo dos doze discípulos como representantes legais e legítimos dele. Pois eles passaram tempo com o Mestre, foram íntimos e O conheciam muito bem.

Chamados do meio da multidão, os doze discípulos serão enviados de volta à multidão, em contraste com a comunidade de Qumrã⁴⁰, que vivia isolada no deserto, e também dos fariseus, que eram altamente separados das “impurezas” das pessoas consideradas comuns. Nas palavras de Dewey M. Mulholland:

A decisão de Jesus de escolher os doze discípulos é uma das decisões mais cruciais na história. Ele não escreve livros e nem ergue monumentos ou constrói instituições. Ele discipula pessoas do modo mais eficaz para perpetuar seu ministério. A existência da Igreja prova a correção de sua decisão.⁴¹

O envio era parte essencial no processo do discipulado. Mas sempre vinha antecedido da formação e preparação dos que seriam enviados no cumprimento de uma missão. Para Christopher J. H. Wright, “ser enviado era a essência do apostolado, embora o envio fosse considerado mais como uma tarefa do que necessariamente algo que envolvesse viagens geográficas”.⁴²

De acordo com Eduardo Elmasian, existem três importantes fases na vida espiritual de uma igreja discipuladora, que são: “primeiro ela é chamada, depois escolhida e por fim enviada. Não basta sermos discípulos dispostos, tampouco é suficiente estar disponível, é preciso um compromisso incondicional com o Senhor”.⁴³

Ao instituir um círculo de doze homens, Jesus estava fracionando o grupo maior dos seus seguidores. E isso explica a responsabilidade que esse grupo especial teve de transmitir e reproduzir tudo aquilo que ouviram e viram na vida do Mestre para a comunidade onde estavam inseridos.

³⁹ LANE, William L. *The gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1974. p. 112.

⁴⁰ MULHOLLAND, 1978, p. 70.

⁴¹ MULHOLLAND, 1978, p. 70-71.

⁴² WRIGHT, 2012, p. 253.

⁴³ ELMASIAN, Eduardo. *O desafio de fazer discípulos: como discipular usando os métodos de Jesus*. Venda Nova: Editora Betânia, 1993. p. 76-77.

Todo leitor judeu dessa época entendia que o grupo dos Doze, estabelecido por Jesus, representava uma exigência para Israel e previa a nova comunidade israelítica que Deus criaria no final dos tempos.⁴⁴

Existe, portanto, uma dupla finalidade da convocação no chamado feito por Jesus aos discípulos:

Para que estivessem com ele, ou seja, para que prestassem adesão incondicional à sua pessoa e mensagem; para enviá-los a pregar, encarregando-os de uma missão universal: em contraste com o sentido de privilégio e o etnocentrismo do antigo Israel, o novo Israel deve pôr-se a serviço da humanidade.⁴⁵

Investir em pessoas é uma obra árdua e de suma importância para a perpetuação de qualquer ministério ou instituição. As pessoas bem treinadas, equipadas e valorizadas, realizam coisas extraordinárias por aqueles que amam e pela organização que pertencem.

⁴⁴ LENTZEN-DEIS, 1998, p. 109.

⁴⁵ CAMACHO, Fernando; MATEOS, J. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 118.

2 O QUE É UM DISCÍPULO?

Existem inúmeras definições para a palavra “discípulo”. Esse é um termo muito rebuscado e interpretado pelos estudiosos da área de missiologia. Desde os hebreus até os nossos dias, o uso do termo “discípulo” tem acompanhado a história do povo de Deus. Vejamos algumas definições:

- 1) “Discípulo é um seguidor de Jesus, um aprendiz de Jesus e alguém comprometido com Jesus”.⁴⁶
- 2) “Discípulo é alguém que ouviu o chamado de Jesus e se tornou seu seguidor”.⁴⁷
- 3) “Discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre com a finalidade de ensinar outros”.⁴⁸
- 4) “O discípulo é o produto final da linha de produção perpetrada pelo Espírito Santo”.⁴⁹
- 5) “O discípulo é um verdadeiro crente, que batizado e ensinado, obedece e cumpre a Grande Comissão de reproduzir-se em outros discípulos”.⁵⁰
- 6) “A palavra discípulos ilustra alunos sentados ao redor de um professor, mais do que penitentes ajoelhados num altar”.⁵¹
- 7) “Um discípulo é alguém que ouve o chamado de Jesus e se junta a Ele”.⁵²
- 8) “Discípulo é aquele que estabelece uma relação pessoal com seu mestre, ou seja, uma relação de encontro, aprendizagem e crescimento”.⁵³
- 9) “Ser discípulo começa com um relacionamento sólido com Jesus Cristo, e com ter no coração aquilo que Ele possui”.⁵⁴
- 10) “A palavra discípulo enfatiza nossa posição como membros da família de Deus. A palavra discípulo enfatiza o processo: o discípulo é um seguidor, alguém que está passando por um processo de aprendizagem”.⁵⁵

⁴⁶ HULL, Bill. *The complete book of discipleship: on being and Marking followers of Christ*. Colorado Springs, CO: NovPress, 2006. p. 32.

⁴⁷ COENEN; BROWN, 2000, p. 578.

⁴⁸ PHILLIPS, 2008, p. 19.

⁴⁹ HULL, Bill. *The disciples making pastor*. Old Tappan, NJ: Revell, 1988. p. 59.

⁵⁰ MONTEIRO, Rafael Luiz. *Discipulado: caminho de renovação e crescimento para a igreja*. São Paulo: UNASPRESS, 2004. p. 244.

⁵¹ BRUNER, Frederick Dale. *Matthew, v. 2, The churchbook, Mateus 13-28*. Dallas: Word, 1990. p. 1097.

⁵² BURRIL, Russell. *Discípulos modernos: o desafio de Cristo para cada membro da igreja*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006. p. 32.

⁵³ RASO, Bruno Alberto. *El hacer discípulo de San Mateo 28.18-20: una interpretación bíblica-teológica y su concepción en la Iglesia Adventista del Séptimo Día*. 1988. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia Pastoral, Libertador San Martin, Entre Ríos, Argentina: Seminário Latinoamericano de Teologia, 1988.

⁵⁴ HENRICHSEN, Walter A. *Disciples are Made – Not Born*. Wheaton: Victor, 1986. p. 52.

- 11) “Um discípulo é uma pessoa que aprende a viver do mesmo modo que seu mestre. E depois, ele próprio comunica a outros a vida que tem”.⁵⁶

Para George W. Peters:

Um discípulo cristão é mais do que um cristão. Um discípulo é mais do que um aprendiz no sentido comum da palavra. Um discípulo é mais do que um seguidor e um imitador de Cristo, mais do que um entusiasta santo de Cristo, e muito mais do que alguém que vive uma vida de consciência e constante identificação com o Senhor na vida, morte e ressurreição através de palavras, comportamentos, atitudes, motivos e propósitos, compreendendo absolutamente o direito de Cristo sobre sua vida, abraçando absolutamente o direito de Cristo sobre sua vida. Existem plenitude e essência divinas no conceito de discipulado que não devemos limitar.⁵⁷

2.1 O discípulo na teologia bíblica

A palavra discípulo tem suas raízes etimológicas na própria Bíblia. É um termo usado tanto na cultura hebraica como no contexto da cultura grega. E sempre se remonta a definir alguém que encontra-se no estado de um “aprendiz”, um aluno que está vivendo um momento de aprendizagem com o seu mestre ou mentor.

Entre o povo hebreu, do Antigo Testamento, usava-se a palavra hebraica “*talmidim*”. Ela era traduzida como discípulo, e indicava “aqueles que seguiam algum rabino específico e sua escola de pensamento”.⁵⁸ Já no Novo Testamento, existem vários termos que são usados para a palavra discípulo: “*akolouthēō*”, que significa “seguir”, e a mesma “indica ação de um homem que responde ao chamado de Jesus, e cuja vida recebe novas diretrizes em obediência”.⁵⁹ O termo ocorre 264 vezes no Novo Testamento⁶⁰ e a maior parte dessas ocorrências está nos evangelhos e Atos.

Outra palavra grega usada para discípulo no Novo Testamento é “*opiso*”. Pode-se traduzi-la, como “ir atrás de alguém ou seguir atrás”, quando usada como “ir

⁵⁵ DOUGLAS, J. D. ed. *The work of an evangelist*. Minneapolis: World Wide Publications, 1984. p. 193.

⁵⁶ ORTIZ, Juan Carlos. *O discípulo*. São Paulo: Editora Betânia, 1977. p. 117.

⁵⁷ PETERS, George W. *Teologia bíblica de missões*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000. p. 228.

⁵⁸ NORMAN, Russell Champlin. *Enciclopédia de Bíblia: teologia e filosofia*. v. 2. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 181.

⁵⁹ COENEN; BROWN, 2000, p. 578.

⁶⁰ STEGENGA, J. *The greek-english analytical concordance of the greek-english New Testament*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1963. p. 477.

atrás de” significa “participar da comunhão da vida e dos sofrimentos de Cristo” (Mt 10.38; Lc 23.26).⁶¹

Mas o principal vocábulo usado e traduzido do grego é “*mathetēs*”. Segundo Colin Brown, “a ideia teve origem na Grécia, quando um aluno se unia a um professor a fim de adquirir conhecimento teórico e prático. Emprega-se para indicar total devoção a alguém, no discipulado”.⁶² Nesse caso, no Novo Testamento um discípulo é a pessoa que está vivendo um bom relacionamento com aquele que o está discipulando. Essa compreensão nos faz entender que a palavra discípulo não sugere que há uma transformação rápida do indivíduo, mas sim a existência de um processo lento, mais seguro da formação de um verdadeiro discípulo.

Nos evangelhos, a palavra “discípulo” aparece constantemente. Sua presença pode ser vista de maneira mais forte em Mateus do que nos demais evangelhos sinóticos. David J. Bosch resalta que “é um termo central em Mateus, no qual ocorre 73 vezes, e em Marcos 46 vezes e apenas 37 em Lucas. Esse é, na verdade, o único nome dado às seguidoras de Cristo nos evangelhos”.⁶³ Já Waylon B. Moore diz que “a palavra ‘discípulo’ é usada 269 vezes nos Evangelhos e em Atos. Significa pessoa ‘ensinada’ ou ‘treinada’”.⁶⁴

Conforme Eddie Gibbs:

No contexto judaico, significa mais do que no grego secular. Porque no grego significa aluno, estudante, ou aprendiz. No Novo Testamento, significa total submissão. Isso se reflete na ênfase dada ao ensinamento no processo de fazer discípulos.⁶⁵

Colin Brown comenta que “um homem é chamado de ‘*mathetēs*’ quando se vincula a outra pessoa para adquirir seu conhecimento prático e teórico. Pode ser um aprendiz num ofício, um estudante de medicina, ou membro de uma escola de filosofia”.⁶⁶ Ele segue afirmando o seguinte:

Somente se pode ser um *mathetes* na presença de um *didaskalos*, um “mestre” ou “professor”, a quem o *mathetes*, desde os dias dos sofistas, tinha de pagar emolumentos, de modo geral. Uma exceção óbvia é quando

⁶¹ COENEN; BROWN, 2000, p. 590.

⁶² COENEN; BROWN, 2000, p. 581, 583-584.

⁶³ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigmas da teologia da missão*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p. 101-102.

⁶⁴ MOORE, Waylon B. *Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja*. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990. p. 21.

⁶⁵ GIBBS, Eddie. *I believe in church growth*. London: Hodder Stoughton, 1992. p. 135.

⁶⁶ COENEN; BROWN, 2000, p. 581.

mathetes se refere à dependência espiritual de um pensador que já havia morrido bem antes.⁶⁷

2.2 Características de um discípulo

Não basta identificar-se como um discípulo, é preciso parecer e demonstrar de forma real na vida e nos atos, o jeito de ser um discípulo, pois ser discípulo envolve ter e viver um estilo diferenciado de vida. Uma leitura de algumas passagens dos evangelhos revelam certas características de um verdadeiro discípulo:

1. Lidera sempre, discipulando seus liderados – Mt 4.18-20.
2. É propenso a aprender, estuda e aperfeiçoa seu ministério – Mt 5.6
3. Vive em consagração, tem intimidade com Deus e O prioriza – Mt 6.33.
4. Está constantemente com Cristo – Mc 3.14.
5. Está sempre avançando e pregando – Mc 3.14.
6. Nega-se a si mesmo, isso é humildade – Lc 14.26.
7. Carrega diariamente a sua cruz – Lc 14.27.
8. Vai sempre após Jesus – Lc 14.27.
9. Não coloca nada e nem ninguém acima de Cristo – Lc 1.26.
10. Renuncia tudo o que tem para seguir a Jesus – Lc 14.33.
11. Lança mão do arado sem olhar para trás – Lc 9. 62.
12. É obediente ao Senhor – Mc 6. 46; Jo 15.9-10.
13. Ouve atentamente as palavras de Jesus – Lc 6. 47.
14. Está sempre disponível ao envio de Cristo – Lc 9.57-62.
15. Está voltado à discipulação de outros – Jo 1.41-42.
16. Tem zelo pelas coisas de Deus – Jo 2.17.
17. É submisso à Palavra e responde à voz do Discipulador – Jo 10.3-5.
18. Faz o que Jesus manda – Jo 13.17.
19. É conhecido como discípulo – Jo 13.35.
20. Conserva uma vida de oração e pede ajuda do Senhor – Jo 14.13-14.
21. Demonstra amar a Jesus ao guardar os Seus mandamentos – Jo 14.15.
22. É produtivo, dá frutos, mas sempre glorificando ao Pai – Jo 15.2, 8, 16.
23. Permanece sempre em Cristo – Jo 15.7.
24. Tem alegria completa – Jo 15.11.

⁶⁷ COENEN; BROWN, 2000, p. 581-582.

25. Ama as pessoas assim como Cristo as amou – Jo 15.12-14, 17.

26. É um conhecedor, retentor e defensor da verdade – Jo 8.31-32.

Para Russell Burrill, “os que decidem se tornar um discípulo de Jesus devem estar dispostos a abandonar tudo, incluindo o lar, a família, parentes, riquezas, e posição, para O seguirem”.⁶⁸ Isso implica que a vida de um verdadeiro discípulo deve estar centralizada e concentrada em Jesus e na missão de discipular. Sem excluir, é claro, a sua missão discipuladora no lar, e na comunidade onde vive. Nas palavras de Rafael Monteiro, “a vida de um discípulo se caracteriza pela permanência em Cristo Jesus, submisso à autoridade soberana de Jesus Cristo”.⁶⁹

Além de ter uma vida centrada na pessoa de Cristo, todo verdadeiro discípulo precisa ser um reproduzidor espiritual. Segundo o teólogo Eduardo Elmasian, “todo discípulo precisa chegar à etapa da reprodução. O ser humano nasce, cresce e se reproduz por uma questão de lógica e de necessidade. O discípulo, igualmente, precisa alcançar a maturidade para reproduzir em outros o que o Espírito investiu nele”.⁷⁰

2.3 Como escolher um discípulo

A maneira como Jesus escolheu os seus discípulos (Lc 8.38, 39; 9.57-62) revela alguns princípios que devemos levar em conta ao escolhermos um discípulo para reproduzirmos-nos nele. Cristo demonstrou (1) compromisso com a qualidade, (2) não escolheu ninguém que fosse autoconfiante, (3) escolheu pessoas que não se prendiam a falsas motivações, (4) e que não tinham prioridades equivocadas, (5) e ao preocupar-se somente com um grupo pequeno formado por 12 pessoas, ele estava mostrando que não queria estafar-se ao ponto de não ter tempo para ministrar-lhes de maneira eficaz.

Leroy Eims, ao falar sobre a escolha de um discípulo, comenta que “na hora de escolher homens e mulheres para discipular, é necessário abandonar nossa propensão ao conformismo e seguir o exemplo de Jesus”.⁷¹ Jesus não escolheu quem tinha temperamentos, personalidades ou qualidades iguais aos dele, mas sim homens que podiam ser moldados e preparados para a missão.

⁶⁸ BURRILL, 2006, p. 30.

⁶⁹ MONTEIRO, 2004, p. 238.

⁷⁰ ELMASIAN, 1993, p. 54.

⁷¹ EIMS, 2002, p. 34.

Encontrar um discípulo exige do discipulador a capacidade de presenciar potencial e disposição para aprender na pessoa escolhida. Para Keith Phillips, “é preciso desenvolver um relacionamento de pré-discipulado com a pessoa que você encontrou antes de convidá-la para o discipulado.”⁷² O pré-discipulado permite que o discipulador faça uma escolha segura e guiado pelo Espírito Santo. Phillips⁷³ apresenta alguns passos que devem ser seguidos durante o pré-discipulado, pois os mesmos ajudarão na decisão final da escolha do discípulo. São eles:

OBSERVE DE PERTO	Aqui você tem a oportunidade de familiarizar-se com o discípulo em potencial.
TOME A INICIATIVA	Sentes que o Espírito Santo lhe confirmou que deves discipular alguém, então tome a iniciativa.
FAÇA O CONVITE	Após passar tempo em oração e buscando conselhos dos seus líderes, faça o convite a seu discípulo.
EXPLIQUE O RELACIONAMENTO	O propósito desse relacionamento é levar a pessoa a se tornar mais semelhante a Cristo.
COMUNIQUE A VISÃO	Certifique-se de que seu discípulo já entendeu que ele está fazendo parte de um processo discipulador.
DEIXE QUE ELE DECIDA	Após explicar o processo, dê tempo para seu discípulo orar e pensar, a fim de que ele mesmo decida sobre assumir ou não o compromisso do discipulado.

Quando uma pessoa é escolhida para ser discípulo, ela precisa entender a dimensão do “deixar tudo para seguir a Cristo”. Nas palavras do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, “o ser humano que foi chamado larga tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir os passos de Jesus”.⁷⁴

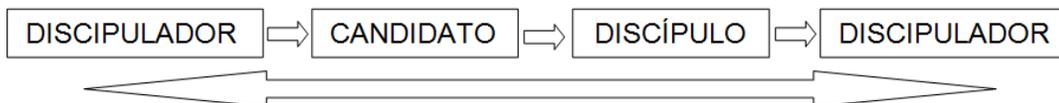
É sempre bom ter em mente que um discipulador deve escolher bem o seu “discípulo”, pois o mesmo será uma cópia fiel de tudo aquilo que ele aprenderá com o seu mestre. Sem esquecer que esse discípulo logo se tornará um formador de discípulos (discipulador). Por isso que o discipulado tem tudo a ver com

⁷² PHILLIPS, 2008, p. 94.

⁷³ PHILLIPS, 2008, p. 96-104.

⁷⁴ BONHOEFFER, 2013, p. 20-21.

transformação, formação e multiplicação de pessoas simples em discípulos especiais. Então, pode-se resumir todo o processo da escolha de um discípulo no seguinte esquema:



Pela figura acima, se pode entender que o discipulador escolhe um candidato, que é uma pessoa comum, mas com potencial e disposição para aprender a ser um discípulo que logo se tornará um discipulador. E o ciclo não para, pois é um processo que forma discípulos em discipuladores.

2.4 Como fazer um discípulo

A ordem dada pelo Mestre Jesus para os seus seguidores foi para fazerem discípulos, e não estarem produzindo conversos. Analisando o verbo grego *matheteuein*, “fazer discípulos”, encontrado na Grande Comissão de Mateus 28.19, David Bosch argumenta que “se é o único caso em que ele é usado no imperativo: *matheteusate*, ‘fazei discípulos!’”. Ele é, além disso, o verbo principal na ‘Grande Comissão’ e o cerne do comissionamento”.⁷⁵ Então, é uma ordem divina “fazer discípulos”.

Fazer discípulos deve ser a tônica mais forte de uma igreja comprometida com a missão de salvar. Robert E. Coleman comenta o seguinte: “um discípulo é mais do que um convertido, embora seja evidente que o voltar-se para o Salvador em arrependimento e fé precise acontecer (Mt 18.3; Jo 3.1-36). Todavia, os discípulos não se detêm na conversão; eles continuam andando com Cristo”.⁷⁶

Para fazer um discípulo,⁷⁷ é preciso investir no processo de desenvolvimento por meio do companheirismo e do ensino. Um discípulo é feito com muita dedicação e paciência para instruir. Não se faz um discípulo de uma hora para outra, tampouco

⁷⁵ BOSCH, 2014, p. 101.

⁷⁶ CARSON, D. A. (Org.). *A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 278.

⁷⁷ “Fazer discípulos” é o verbo grego *matheteuein*, o mesmo ocorre quatro vezes no Novo Testamento, três delas em Mateus (Mt 13.52; 27.57; 28.19) e uma única vez em Atos (At 14.21). Seu uso mais notável encontra-se no relato da “Grande Comissão” (Mt 28.19). Esse é também o único caso em que ele é usado no imperativo: *matheteusate*, “fazei discípulos!”. Ele é, além disso, o verbo principal na “Grande Comissão” e o cerne do comissionamento. Ver: BOSCH, 2014, 101.

o isolando da vida em comunidade ou simplesmente o envolvendo dentro de um corpo doutrinário. Fazer discípulos exige bastante tempo por parte do discipulador. Nas palavras de Josué Campanhã:

Antes de se tornarem apóstolos e serem enviados, os doze homens que Jesus escolheu foram discípulos. Eles foram ministrados por Jesus e andaram com ele cerca de três anos e meio. Depois de Jesus ter certeza de que eles estavam no caminho, foram enviados para fazer o mesmo. Muitos dos professores e discipuladores que existem hoje nunca passaram por essa experiência, simplesmente começaram a ensinar. Alguns aprenderam à força o que é discipular, outros se tornaram faladores da Bíblia.⁷⁸

George W. Peters apresenta três elementos mui relevantes para a formação de um discípulo, que são “tempo, amizade e ensinamento, não são apenas importantes; são essenciais. Não há discípulos formados, enquanto estes estiverem crescendo e nivelando-se”.⁷⁹ Já Keith Phillips ressalta que “todos nós procuramos fazer discípulos, mas sabemos que isso é impossível sem que sejamos primeiramente discípulos. Precisamos conhecer a Deus antes de torná-lo conhecido”.⁸⁰

Falando sobre o processo de formação de discípulos no contexto do ministério de Jesus, Juan Carlos Ortiz comenta que:

Jesus seguia o mesmo padrão. Ao invés de ensinar-lhes fórmulas para guardarem no cérebro, ele lhes dava tarefas concretas para realizarem. E eles obedeciam. Para que haja formação de vidas cristãs, temos que parar de ser oradores e começar a ser pais. Os pregadores têm apenas ouvintes. Os pais têm filhos. O aprendizado não ocorre pelo ouvir, e sim pelo obedecer. E a primeira lei do discipulado diz que sem submissão não há formação. E a segunda ressalta que sem submissão, não existe submissão.⁸¹

O método favorito de Jesus para ensinar seus discípulos foi através da formação. A formação não se faz contando às pessoas coisas que elas deveriam saber, mas sim, mandando-as fazer coisas específicas. Jesus dizia aos discípulos: “Ide a tal cidade”.⁸²

Um discípulo também precisa passar por uma formação espiritual. Ele deve criar vínculos espirituais com o seu mestre. E é no discipulado que o discípulo cria esses vínculos. Sua forma de agir, pensar e até de discipular deve seguir o modelo dado por Cristo. Para Ed Stetzer, “o desenvolvimento do discípulo ocorre por meio

⁷⁸ CAMPANHÃ, 2012, p. 39.

⁷⁹ PETERS, 2000, p. 230.

⁸⁰ PHILLIPS, 2008, p. 39.

⁸¹ ORTIZ, 1977, p. 121-125.

⁸² ORTIZ, Juan Carlos. Ser e fazer discípulos. São Paulo: Edições Loyola, 1987. p. 71-72.

de oportunidades em que as pessoas crescem de forma constante rumo à maturidade espiritual. Um discípulo também é um crente que pratica hábitos bíblicos”.⁸³

De acordo com Leroy Eims, a obra de fazer discípulo vai além de usar estruturas de um programa. Para ele, “o ministério deve continuar através de pessoas, não de programas. Não podemos jogar a pessoa dentro de um programa e esperar que ela saia como discipulado no fim da linha de montagem. Fazer discípulo demanda tempo”.⁸⁴ Para Juan Carlos Ortiz, fazer discípulo “implica em algo mais do que apenas falar com eles, ou ganhá-los ou instruí-los. Fazer um discípulo significa formar uma duplicata de outrem”.⁸⁵

Todo o segredo da formação de um discípulo está no tempo de qualidade investido no ensino, treino e equipação desse indivíduo. O treinamento envolve tanto discipulados com discipuladores. Aqui não há lugar para a pressa. Outro ponto importante é o fato de que discípulo se faz um a um. Não se pode utilizar a mentalidade massificante de juntar grande multidão e então dizer que se está discipulando. Jesus nos deixou um exemplo que devemos seguir: fazer discípulos deve ser um estilo de vida do cristão. Nas palavras de Robert E. Coleman, “fazer discípulos não é um chamado especial ou um dom do Espírito, é um estilo de vida, é o modo pelo qual Jesus vivia e agora o caminho pelo qual ele ordena que seu povo siga”.⁸⁶

Na visão de Rafael Monteiro, “os discípulos são feitos, mas não fabricados em massa; cada um é moldado e fabricado individualmente pelo Espírito Santo”.⁸⁷ Eventos e programas que reúnem multidões não formam discípulos. Pode até motivá-los, mas não formá-los. A formação de um discípulo requer um relacionamento individualizado e personalizado, o tradicional “tete a tete”.

2.5 O que é ser um discípulo de Jesus

Jesus tinha uma visão de comunidade muito diferenciada da religião farisaica que dominava no momento. O teólogo alemão Gerhard Lohfink explica

⁸³ STETZER, Ed. *Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 348.

⁸⁴ EIMS, 2002, p. 53.

⁸⁵ ORTIZ, 1977, p. 117.

⁸⁶ CARSON, 2015, p. 290.

⁸⁷ MONTEIRO, 2004, p. 202.

que: “Para Jesus, Israel é o caminho para uma meta mais ampla, ele é o sinal da salvação universal. Mas, sendo sinal, não pode ser deixado de lado. Seu pensamento estava voltado para Israel, sem limitar-se a Israel”.⁸⁸ Entender essa visão é de grande valia para a compreensão do estilo de discípulos que Jesus formou em seu ministério.

Primeiramente, faz-se necessário salientar que existiam dois grupos de pessoas que ouviam as palavras de Jesus e que tomavam diferentes decisões. Havia os que recebiam a mensagem, aceitavam, mas decidiam continuar vivendo em suas próprias aldeias ou cidades. Eram discípulos de Cristo entre os seus familiares, vizinhos e amigos. Um grande exemplo desses seguidores fixos é o grande amigo de Jesus chamado Lázaro, que morava em Betânia (Jo 11.1).

Um segundo grupo de discípulos de Jesus era formado por aqueles que deixaram tudo e todos para seguir a Cristo. Era um grupo bem desprendido, tomaram em sério o ato de “deixar pai e mãe”, para acompanharem o seu Mestre. Em certos pontos, os discípulos de Jesus se distinguem dos alunos rabínicos.

Eles não vêm porque querem aprender a Tora, mas porque ouviram a mensagem de Jesus do Reino de Deus que estava próximo. Não são eles que escolhem seus mestres, como fazem os alunos dos rabinos: Jesus chama-os (Lc 9.59). Ele chama-os para um seguimento, que os obriga a abandonar a profissão até então exercida e a deixar a própria família (Mc 1.16-20).⁸⁹

Os discípulos de Jesus possuem algumas características peculiares. Eles realmente se tornaram “discípulos” no sentido original da palavra. Foram verdadeiros seguidores, aprendizes e amantes da missão. Frank Thielman comenta que “eles seguiram a Jesus assim que foram chamados (Mc 1.18, 20; 3.14). Jesus os designa como apóstolos (Mc 3.14) e comissiona-os a imitar suas atividades (Mc 6.7-13). Os discípulos são obedientes e se empenham no cumprimento da missão”.⁹⁰

Existem alguns pontos que diferenciam os discípulos de Jesus dos alunos dos rabinos. Para Gerhard Lohfink, “Jesus exige de seus discípulos a renúncia decidida da própria família. Em vez da família e das ligações de sangue e amizade entra a comunhão de vida com Jesus”.⁹¹ Os discípulos de Jesus são o cerne do seu

⁸⁸ LOHFINK, 1986, p. 49.

⁸⁹ LOHFINK, 1986, p. 51.

⁹⁰ THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007. p. 91.

⁹¹ LOHFINK, 1986, p. 51.

círculo de amizade e dos seus ouvintes. Tinham como missão ouvir e praticar o que Jesus lhes ensinava por meio de palavras e ações. Eles eram a “nova família” de Jesus, e não somente alunos. Markus Eberhart apresenta a ideia de que “Jesus deseja que seus discípulos sejam frutíferos e atuantes. Seu anseio é que seus aprendizes verdadeiramente aprendam a ter uma vida de dependência e imitação”.⁹²

David J. Bosch destaca seis diferenças marcantes entre os discípulos de Jesus e os discípulos dos mestres rabínicos, que são:

No judaísmo da época de Jesus, o talmid (discípulo) tinha a prerrogativa de escolher seu próprio mestre e ligar-se a ele. Nenhum dos discípulos de Jesus, entretanto, se liga a ele a partir de sua própria volição. Alguns tentaram fazer isso, mas são desencorajados em termos nada ambíguos (Mt 8.19; Lc 9.57, 61). No caso de Jesus, ele é quem diz “Segue-me”. A escolha é Jesus quem faz não os discípulos.

No caso do judaísmo tardio, era a Lei, a Torá, que estava no centro. A autoridade era da Torá, não do Mestre. Jesus, todavia, prescindia de qualquer legitimação de sua autoridade com base na Torá, ou com base em qualquer outra coisa. Ele espera que seus discípulos renunciem a tudo não por causa da Lei, mas tão somente por causa de Ele. Nenhum rabino judeu poderia dizer as palavras ditas por Jesus encontradas em Mt 10.38. Aqui Jesus toma o lugar da Torá.

No judaísmo, o discipulado era meramente um meio para um fim. Ser um talmid (discípulo), um estudioso da Lei, não passava de um estágio transitório. A meta do discípulo era tornar-se ele próprio um rabino. Nesse processo, o rabino certamente era indispensável, mas ele próprio esperava o coroamento de seus próprios esforços, o dia em que seus discípulos se tornariam mestres como ele próprio. Com esse alvo em mente, ele os guiava e ajudava a fim de tornarem-se peritos na Torá. Para o discípulo de Jesus, entretanto, o estágio do discipulado não é o primeiro passo rumo a uma carreira promissora. Ele é em si mesmo o cumprimento de seu destino. O discípulo de Jesus nunca se forma e vira rabino. Ele pode tornar-se um apóstolo, mas um apóstolo não é um discípulo com diploma em teologia.

Os discípulos dos rabinos eram apenas seus alunos, nada mais. Os discípulos de Jesus são também seus servidores (douloi), algo inteiramente estranho ao judaísmo tardio. Eles não se limitam a curvar-se ante seu conhecimento maior; obedecem a ele. Jesus não é apenas seu Mestre, mas também seu Senhor. Ele lhes diz: “O discípulo não está acima de seu mestre, nem o servo acima de seu senhor” (Mt 10.24). Ao mesmo tempo, contudo, o Mestre é também um servidor.

Para Jesus, de acordo Marcos 3.14, seus discípulos são chamados para “estarem com ele”, e depois para serem “enviados a pregar e a exercer autoridade de expelir demônios”. Mais uma vez, a diferença entre os discípulos de Jesus e os talmidim (discípulos) dos mestres judeus é notável. Seguir a Jesus não significa passar adiante seus ensinamentos ou tornar-se os depositários fiéis de suas percepções, mas ser suas “testemunhas”.

Outra diferença, a última, entre os talmidim (discípulos) dos mestres judeus e os discípulos de Jesus é que estes são a vanguarda do povo

⁹² EBERHART, Markus. *Passo a passo com Jesus: um guia prático para estudos individuais ou em pequenos grupos*. v. 1. São Paulo: Ágape, 2011. p. 22.

messiânico dos últimos tempos. O Evangelho de Marcos, em particular, coloca o discipulado dentro do campo de tensão entre a paixão do Jesus terreno e a parúsia do Filho do homem vindouro; ser discípulo significa seguir ao Jesus sofredor e esperar seu retorno em glória. Precisamente como vanguarda do povo messiânico dos últimos tempos, a caminho da parúsia, os discípulos não deveriam se considerar um grupo exclusivo de superseguidores de Jesus.⁹³

Portanto, entendemos que os discípulos de Jesus eram altamente diferentes dos alunos dos mestres judaicos. Eles tinham a missão de aprender com Jesus, e isso, os impelia a simplesmente serem proclamadores e fazedores do que Jesus proclamou e fez enquanto estava com eles. Eram literalmente os “embaixadores de Cristo” (2Co 5.20), viviam para a missão e pela missão.

Nas palavras de Lothar Coenen e Colin Brown:

Todas as pessoas devem achar fácil reconhecer um discípulo de Jesus mediante o amor prático do mesmo (Jo 13.34, 35). O dever do discípulo não consiste em manter e passar adiante qualquer ensino específico acerca de Jesus. A essência do discipulado se acha no cumprimento, pelo discípulo, do seu dever de ser testemunha do seu Senhor durante toda a sua vida.⁹⁴

De acordo com Jürgen Roloff, “a forma de existência do discípulo é o seguimento, isto é, o vínculo pessoal exclusivo e duradouro com Jesus. Assim como IHWI seguiu com o seu povo, agora é Jesus que acompanha seus discípulos”.⁹⁵ Aqui está uma marca distintiva dos discípulos de Jesus: eles contavam com a presença e companhia de seu Mestre. Jesus esteve sempre presente com os seus discípulos, sua promessa foi: “*E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século*” (Mt 28.20).

⁹³ BOSCH, 2014, p. 58-62. -

⁹⁴ COENEN; BROWN, 2000, p. 587.

⁹⁵ ROLOFF, Jürgen. *A igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 171. -

3 COMPREENDENDO O SIGNIFICADO E BENEFÍCIOS DO DISCIPULADO

O discipulado tem suas raízes fincadas na Bíblia. Compreendê-lo é de suma importância para sua aceitação e implantação em qualquer comunidade cristã que leva a sério a transformação de membros em discípulos de Jesus. Conforme o teólogo e pastor evangélico Eduardo Elmasian, “o discipulado não é doutrina moderna, nem tampouco exclusiva do Novo Testamento. Remonta aos tempos do Antigo Testamento. Moisés tinha um discípulo mais chegado, Josué, e mais setenta anciãos”.⁹⁶

Os benefícios do processo do discipulado são imensuráveis. Seus resultados são notáveis, palpáveis e consistentes. O seguinte capítulo nos mostrará uma visão clara e fundamentada sobre o discipulado.

3.1 Definindo discipulado

Assim como para a palavra discípulo existem diferentes significados, não seria diferente para o termo discipulado, que é o processo usado para “fazer discípulos”. Encontraremos diversas definições, que remetem para uma nítida compreensão do discipulado na Bíblia e no ministério de Jesus. Vale a pena ressaltar algumas delas:

1. “Discipulado em sua essência é um processo multiplicador, mas, acima de tudo, é um processo transformador”.⁹⁷
2. “Discipulado significa encontrar-se numa relação permanente de aprendizado com Jesus, o mestre messiânico”.⁹⁸
3. “Discipulado é um processo desenvolvido exclusivamente com pessoas que entregaram suas vidas ao senhorio de Jesus e que, portanto, receberam o ‘poder de serem feitos filhos de Deus’ (Jo 1.12)”.⁹⁹
4. “Discipulado é comprometimento com Cristo; por Cristo existir, tem que haver discipulado”.¹⁰⁰

⁹⁶ ELMASIAN, 1993, p. 24.

⁹⁷ CAMPANHÃ, 2012, p. 7.

⁹⁸ ROLOFF, 2005, p. 172.

⁹⁹ EBERHART, 2011, p. 19.

5. “Discipulado é reproduzir no outro sua experiência do envolvimento com Cristo em sua vida”.¹⁰¹
6. “Discipulado envolve estilo de vida, e não simplesmente requisitos a cumprir. Discipulado é fundamentalmente a escolha de seguir a Jesus e envolve uma maneira de viver por toda a vida”.¹⁰²
7. “O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre se reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo”.¹⁰³
8. “Discipulado é um processo que envolve e compromete o membro antigo na formação dos recém-conversos ao evangelho”.¹⁰⁴
9. “Discipulado verdadeiro é a vida espiritualmente mais satisfatória deste mundo”.¹⁰⁵
10. “Discipulado quer dizer manter-se constantemente na palavra de Jesus”.¹⁰⁶
11. “O discipulado é um encontro de uma vida com outra”.¹⁰⁷
12. “Definimos discipulado como ajudar os novos seguidores de Cristo a se tornarem estabelecidos, firmados, estáveis e seguros nele, em sua prática e obediência a ele”.¹⁰⁸

3.2 O que não é discipulado

Como já entendemos o que é discipulado, é relevante compreendermos o que não é discipulado, pois assim, se evita muitas contradições e significados que não definem o real sentido do discipulado cristão. Vejamos dez definições que expressam o que não é discipulado. As cinco primeiras são de Bill Hull¹⁰⁹, a sexta de Keith Phillips¹¹⁰, e as quatro últimas de autoria própria:

¹⁰⁰ BONHOEFFER, 2013, p. 21.

¹⁰¹ PHILLIPS, 2008, p. 143.

¹⁰² SUÁREZ, 2013, p. 10.

¹⁰³ PHILLIPS, 2008, p. 20.

¹⁰⁴ CRESS, James A. *Comunidade de amor: tornando a igreja um lugar de aceitação e crescimento*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 13, 14.

¹⁰⁵ MACDONALD, William. *Discipulado verdadeiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 92.

¹⁰⁶ BARCLAY, William. *Comentário al Nuevo Testamento*. Barcelona: Editora CLIE, 2006. p. 32.

¹⁰⁷ PHILLIPS, 2008, p. 105.

¹⁰⁸ OTT, Craig; WILSON Gene. *Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação*. Curitiba: Editora Esperança, 2013. p. 239.

¹⁰⁹ HULL, Bill. *The disciple-making pastor: leading others on the Journey of Faith*. Grand Rapids: Baker, 2007. p. 35-41.

¹¹⁰ PHILLIPS, 2008, p. 105.

- 1) “Discipulado não é um programa, ou seja, não é um currículo que deve ser aprendido”.
- 2) “Discipulado não é meramente cumprir uma lista de requisitos. Boas técnicas e novas habilidades podem ser aprendidas, mas tudo isso se classifica como ferramentas, e não como um processo”.
- 3) “Discipulado não é uma linha de produção de resultados. Discípulos não são produzidos por atacado. Discipular requer tempo, por isso, que é um processo lento, que envolve acompanhamento e mudanças graduais”.
- 4) “Discipulado não é apenas para os recém-convertidos. Mas sim um processo que acompanha o discípulo por toda a vida. O discipulado é para todo aquele que se entrega a Jesus Cristo diariamente”.
- 5) “Discipulado não é apenas para os líderes. Todo seguidor de Cristo deve passar e envolver-se no processo do discipulado”.
- 6) “Discipulado não é apenas uma série de reuniões sobre determinado plano de estudo”.
- 7) “Discipulado não é uma matéria ensinada em seminários teológicos, mas sim uma lição diária praticada na vida do cristão enquanto ele viver”.
- 8) “Discipulado não se limita a leitura de um livro sobre o tema, mas a uma vida de contemplação da vida de Cristo”.
- 9) Discipulado não é levar pessoas ao batismo, porém levá-las a se tornarem como Cristo.
- 10) Discipulado não é encher uma igreja de pessoas, mas povoar o céu de salvos.

3.3 Estágios do discipulado

De acordo com o teólogo e educador adventista do sétimo dia, Dr. Adolfo S. Suárez, “Jesus chamou e acolheu pescadores e coletores de impostos. Ele os transformou em alguns dos mais influentes homens da história. E o fato de terem sido bem-sucedidos, deve ser creditado ao preparo que receberam do Mestre”.¹¹¹

Ao observar o ministério de Jesus, qualquer pessoa identificará o discipulado como um verdadeiro estilo de vida cristã, e o método mais eficaz para o estabelecimento e expansão do Reino de Deus. Cristo fazia com que cada um dos

¹¹¹ SUÁREZ, 2013, p. 25.

seus discípulos fossem homens ativos e comprometidos com a missão e o ministério que lhes fora dado.

Suárez¹¹² apresenta quatro estágios no processo discipulador de Cristo. Eles podem servir de modelo para qualquer programa que envolva um processo discipulador na formação de seus participantes. São eles:

1) “Venha e veja” (Jo 1.38, 39).

Nesse primeiro estágio, os discípulos aprendiam com Jesus apenas pela curiosidade, eram verdadeiros curiosos. O aprendizado se dava pela observação da maneira como Cristo fazia as coisas. Marlene D. Lefever, falando sobre os diferentes estilos e modalidades de aprendizagem, afirma que “aqueles que aprendem melhor vendo são chamados de aprendizes visuais. E eles precisam de palavras ou figuras para aprender”.¹¹³

Trazendo para os dias atuais, as pessoas querem ver se os ensinamentos que ensinamos como discípulos de Cristo faz alguma diferença em nossa vida. Mais do que isso, elas esperam ver em nós o quanto praticamos do que ensinamos ou pregamos. E nesse estágio, ninguém pode tornar-se um bom discípulo sem que antes a sua curiosidade pelo aprendizado visual seja satisfeita. Essa foi a razão pela qual Jesus investiu muito em boas palavras e muitas imagens do dia a dia nos ensinamentos passados para seus discípulos.

Nas palavras de John Piper:

Esse estágio do discipulado é uma espécie de “mandamento de um pai ao filho que está na beirada de uma janela em chamas”: ‘Pule em meus braços!’. Assemelha-se também ao mandamento de um marido rico, bonito, forte e carinhoso à esposa infiel: ‘Volte para casa!’, ou, ainda, ao mandamento de uma equipe de salvamento que nos encontra agonizando, desidratados após dias no deserto: ‘Beba esta água!’.¹¹⁴

2) “Venha e siga-me” (Mc 1.17).

Aqui o Senhor Jesus confirma o chamado feito aos discípulos. Eles deixaram de ser curiosos e passaram a ser discípulos instituídos e conscientes da vida que viram em Jesus e que aceitaram viver. Em Mateus 4.20 (NVI), encontramos a

¹¹² SUÁREZ, 2013, p. 25-35.

¹¹³ LEFEVER, Marlene D. *Estilos de aprendizagem: como alcançar cada um que Deus lhe confiou para ensinar*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 138-148.

¹¹⁴ PIPER, John. *O que Jesus esperava de seus seguidores: mandamentos de Jesus ao mundo*. São Paulo: Vida, 2008. p. 47.

resposta imediata dos discípulos ao ouvirem o chamado feito por Jesus: “No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram”. Aqui entra a modalidade de aprendizagem conhecida como “aprendizes táteis ou cinéticos”¹¹⁵, os discípulos deveriam deixar o seu lugar de origem, famílias, empregos, concepções e algumas tradições, para seguirem unicamente a Cristo e tudo aquilo que ele vos ensinou.

O mais impressionante na resposta dos discípulos foi o “ato de deixarem suas redes”, pois eles eram pescadores. Eles abandonaram o principal instrumento de um pescador. Eles deram um verdadeiro passo de fé, pois estavam trocando “o certo pelo duvidoso”. Tudo seria novo e diferente daquilo que conheciam e viviam. Essa atitude revela que eles realmente entenderam durante o período que foram meros observadores, que Jesus era melhor e mais importante do que qualquer coisa neste mundo.

Não foi um “seguir cegamente”. Eles tiveram um período de observação, o que lhes proporcionou um conhecimento relevante sobre Cristo e a missão, foram seguidores convictos das implicações do chamado. Eis aqui um princípio fundamental para que alguém se torne um bom discípulo: “é preciso conhecer bem o seu mestre para poder segui-lo”. E os discípulos conheceram bem de perto e de forma profunda a pessoa de Cristo. Ninguém segue um desconhecido, e nenhuma pessoa defende uma ideologia que ela não conheça.

É preciso conhecer para poder seguir e defender. E Jesus concedeu esse privilégio para os seus discípulos. Todos sabiam muito bem quem era Jesus e o que ele esperava de cada um deles. Eles passaram tempo necessário com Jesus, o que imprimiu neles o conhecimento sobre Cristo e a missão que estavam recebendo. O tempo vivido ao lado do Mestre permitiu que eles O conhecessem. Para Ellen G. White, o fator tempo é imprescindível para a formação de um discípulo. “Após ter alcançado as pessoas através de suas necessidades básicas, o discipulador deve gastar mais tempo em relacionamento pessoal com elas do que pregando para elas”.¹¹⁶

¹¹⁵ LEFEVER, 2002, p. 138.

¹¹⁶ WHITE, Ellen G. *A ciência do bom viver*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 143-144.

3) “Venha e fique comigo” (Mc 3.13, 14; Mt 9.37, 38).

Nesse estágio, Jesus não somente os ensinou, mas também os equipou. E então os fez habilitados e preparados para o cumprimento da missão. Eles realmente se tornaram discípulos de Jesus, pois ficaram junto ao seu Mestre. Jesus os envolve em Sua vida e compartilha a Sua missão. Eles saem do estágio do chamado e entram no processo do discipulado. Jesus os nutriu, esse era o sentido de “fiquem comigo”. Eles passariam um bom tempo na companhia do Mestre para depois saírem em missão.

É necessário envolver o discípulo com o seu senhor e com a missão que lhe será dada. Quem não se envolve termina sendo somente um observador. E tem todas as possibilidades de se tornar um crítico daqueles que se envolvem. Adolfo S. Suárez afirma o seguinte: “Igrejas que apenas apresentam programas formam simples curiosos. Igrejas que envolvem os membros formam discípulos. Igrejas que enfatizam a missão formam trabalhadores equipados, autênticos discipuladores”.¹¹⁷

Os programas, eventos e projetos atraem a curiosidade, produzem algumas estrelas e formam pessoas ávidas somente para assistir. Isso não quer dizer que devemos excluir os eventos e programas das nossas igrejas. Mas a igreja não deve se limitar somente a isso. É preciso envolver cada membro na missão da igreja. É de extrema importância que os membros entendam que eles fazem parte de um corpo, e como membros desse corpo (que é a igreja), espera-se o envolvimento de todos. Todo membro que se envolve com a missão, sente na própria vida o verdadeiro valor do discipulado e compromete-se com a ordem de “fazer discípulos”.

Um membro envolvido com Cristo não deixa de se envolver com as pessoas que Cristo quer salvar. Ele se transforma em um verdadeiro missionário. Vive buscando de forma incansável mais aprendizado, preparo e equipamentos para produzir mais e melhor. A escritora americana Ellen Gould White, comentando sobre o envolvimento dos membros, afirma que: “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário. Assim que vem a conhecer o Salvador, deseja pôr os outros em contato com Ele. A santificadora verdade não pode ficar encerrada em seu coração”.¹¹⁸

¹¹⁷ SUÁREZ, 2013, p. 31.

¹¹⁸ WHITE, 2004, p. 102.

Ao comentar sobre a necessidade de que um discípulo precisa “estar com o seu mestre”, Christopher J. H. Wright afirma que:

É preciso discípulos para fazer discípulos, e Jesus passou três anos ensinando seus discípulos o que significa ser um discípulo. Isso envolveu lições práticas e objetivas sobre a vida, atitudes, comportamento, confiança, perdão, amor, generosidade, obediência a Jesus e ações contraculturais em relação aos outros. Isso era o que significava viver no reino de Deus aqui. Em suma, você tinha que viver em sujeição ao reino de Deus se quisesse pregar sobre o reino de Deus.¹¹⁹

4) “Venha e permaneça em Mim” (João 15.5-7).

O estágio final praticado por Jesus com os seus discípulos, se inclina a prepará-los para serem discipuladores e alertá-los sobre o preço da missão. O principal objetivo de Jesus era fazer de cada discípulo um verdadeiro discipulador, assim como ele o fez com eles. Eles deveriam sair e fazer o mesmo com as pessoas.

Mas para que isso fosse possível, eles deveriam praticar as seguintes palavras: “Eu Sou a videira; vocês os ramos. Se alguém permanecer em Mim e Eu nele, essa dará muito fruto; pois sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma” (João 15.5, NVI). Tudo dependia da “permanência em Cristo”. Ellen G. White explica o significado de “Permanecer em Cristo como sendo o recebimento constante de Seu Espírito, é uma vida de inteira entrega a Seu serviço. As vias de comunicação entre o homem e seu Deus devem achar-se de contínuo desimpedidas”.¹²⁰ Keith Phillips, quando fala dessa comunicação com Deus afirma que “a intimidade com Deus exige comunicação regular. A comunicação constante com Deus faz que o coração, a motivação, os pensamentos e até mesmo os instintos do cristão coincidam com os de Deus”.¹²¹

Existem algumas maneiras de permanecer em Cristo, e todo verdadeiro discípulo de Jesus deve buscar praticá-las em seu dia a dia. Um discípulo permanece em Cristo quando ele estuda a Bíblia diariamente, por meio do exercício da oração particular e intercessora e mediante uma vida de obediência a Deus. Quando esses requisitos são colocados em prática, o discípulo demonstra disposição para ser um verdadeiro discipulador, e então, ele sai para testemunhar e

¹¹⁹ WRIGHT, 2012, p. 194.

¹²⁰ WHITE, Ellen G. *O desejado de todas as nações*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990. p. 676.

¹²¹ PHILLIPS, 2008, p. 80-81.

cumprir a missão. Conforme Keith Phillips, “a constância na vida de oração do discípulo é como a resistência na vida de um corredor fundista. Não há atalhos que encurtem o caminho”.¹²²

Para Adolfo S. Suárez:

Permanecer em Cristo não é algo abstrato. Permanecer em Cristo implica disciplinas cristãs como orar, ler a Bíblia e obedecer a Deus, seguindo os princípios da vida de Cristo. Nesse estágio, evidentemente, o discípulo desenvolve semelhança com Cristo, pois se relaciona diária e constantemente com Ele.¹²³

Permanecer implica andar como Cristo andou e viver da mesma forma que ele viveu. É reproduzir na vida e nas ações do cotidiano, aquilo que Jesus foi e fez durante o seu ministério terrestre. O modelo sempre será Jesus. Não há como ser diferente de Jesus quando passamos tempo de qualidade com ele. A convivência tem a capacidade de nos fazer parecidos com a pessoa com quem convivemos, até mesmo os atos, gostos e vontades ficam semelhantes. Na verdade, espera-se que todo cristão ou discípulo de Jesus seja um “tipo de Cristo” aqui na terra.

Mais do que simplesmente conhecer a Deus, é necessário permanecer em Deus e com Deus. O permanecer abre as portas para uma boa comunicação entre o discípulo e seu mestre. E o caráter de um bom cristão é formado mediante a sua comunicação com Deus. Keith Phillips disse que: “A boa comunicação transforma conhecidos em amigos e superficialidade em intimidade”.¹²⁴

O salmista Davi, ao escrever sobre intimidade com Deus, afirma que: “A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sl 25.14). Para ser íntimo de Cristo é preciso gastar tempo com Ele. Esse aparente “gasto” resultará em grandes bênçãos. O que parecia desperdício de tempo transformar-se-á em resultados incontáveis.

De acordo com Markus Eberhart, “o aprendizado vem pelo ouvir, pelo enxergar e pela convivência”.¹²⁵ E os discípulos passaram por todos esses modelos de aprendizagem. Eles passaram um bom tempo ouvindo os ensinamentos de Jesus; eles viram muitos milagres, ações e atitudes de Cristo; e também conviveram

¹²² PHILLIPS, 2008, p. 80.

¹²³ SUÁREZ, 2013, p. 32.

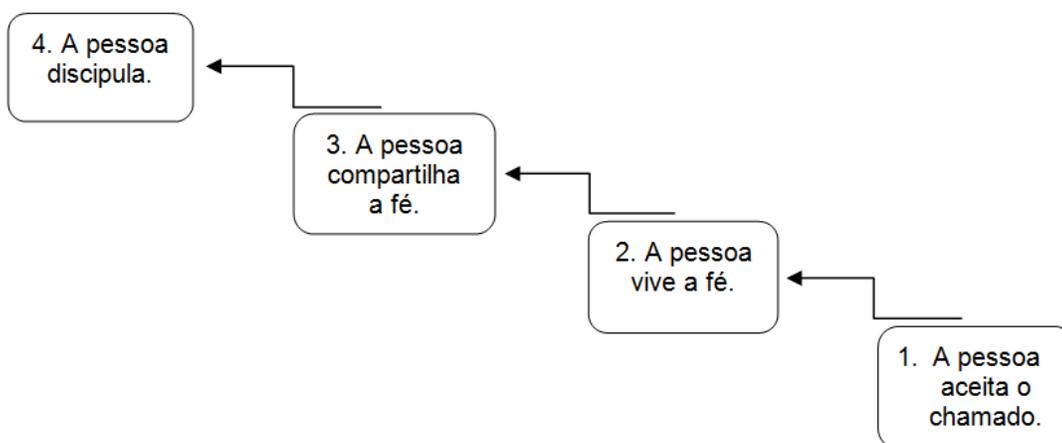
¹²⁴ PHILLIPS, 2008, p. 77.

¹²⁵ EBERHART, 2011, p. 23-24.

com o Mestre, e isso os fez conhecer o estilo de vida de Jesus. Robert Coleman diz “que os discípulos tinham disposição para aprender”.¹²⁶

Em seu livro *Plano mestre de evangelismo*, Coleman ressalta que “o método do Mestre consistia em conduzir os discípulos a uma experiência vital com Deus e mostrar-lhes como ele mesmo trabalhava, antes de dizer que seriam enviados”.¹²⁷ Antes de sair, é preciso “ficar”, ou seja, permanecer um pouco com Jesus. Antes de falar sobre o Mestre, os discípulos precisavam conhecer bem o seu Mestre. E assim, eles teriam autoridade para anunciar a Jesus para as pessoas. Os discípulos seriam considerados autênticos naquilo que estavam pregando. Seus ensinamentos não seriam considerados como simples teorias ou ensinamentos de homens. Mas como poder de Deus.

Os quatro estágios podem ser esquematizados da seguinte maneira:



A aplicação desses estágios no processo discipulador exige o uso de diferentes estratégias. Podemos envolver todas as frentes missionárias da igreja para a eficácia de tais estágios:

¹²⁶ COLEMAN, Robert. *Plano mestre de evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 79.

¹²⁷ COLEMAN, 2006, p. 79.

Estágios do Discipulado	Frentes missionárias e estratégias
“Venha e veja”	Convide seus amigos para os principais eventos e programas da igreja. Aguce a curiosidade deles. Exemplos: Pequenos grupos, classe bíblica, cursos sobre as profecias, evangelismo público, programas comemorativos nas datas especiais (dia dos pais, mães, aniversário da igreja), retiros e encontros dos diferentes ministérios da igreja, clube de jovens, clube de desbravadores, acampamentos, escola de pais e encontro de casais, etc.
“Venha e siga-me”	Ofereça materiais da igreja. Exemplo: estudos bíblicos, revistas, livros, folhetos, DVDs, CDs. Apresente o canal da Novo Tempo, comente sobre o estilo de vida adventista, e convide-o para comer uma comida vegetariana. Permita que seu amigo lhe siga em tudo aquilo que você segue o Mestre Jesus.
“Venha e fique comigo”	Passe mais tempo com seu amigo. Exemplo de atividades: Dê um estudo bíblico, leve-o para um passeio da igreja ou em família, convide-o para um junta painéis, treine-o para ser um discipulador, envolva-o na missão, o motive a participar das jornadas espirituais da igreja. Aproveite todo o tempo necessário e disponível para reproduzir-se em seu amigo.
“Venha e permaneça em Mim”	Ensine seu amigo a ter um programa devocional e de crescimento espiritual. Exemplos: Leitura do ano bíblico, estudo da lição da escola sabatina, leitura da meditação matinal, culto familiar, leitura de livros denominacionais. Não devemos esquecer que nesse estágio, a pessoa deve se envolver diretamente com a missão da igreja. Deve participar de um pequeno grupo, dos evangelismos públicos e pessoais a igreja, como semana santa, semanas de colheitas. E já pode ser um assistente em alguma classe da escola sabatina.

Russell Burrill, comentando sobre os estágios do discipulado, ressalta que todo discípulo precisa passar por dois momentos do discipulado, que são:

- ✓ O discipulado inicial, necessário para o batismo. As pessoas devem ser batizadas quando atingem essa fase do discipulado. Elas se tornam membros do corpo de Cristo.¹²⁸

¹²⁸ BURRILL, 2006, p. 28-39.

Nessa fase, o foco está centralizado na conversão das pessoas, o objetivo é levá-las ao batismo e, então, torná-las discípulas de Jesus. É bem verdade que essas pessoas não estão completamente maduras, pois elas estão iniciando sua jornada cristã. Mas sem passar por este momento do discipulado, fica difícil produzir discípulos e multiplicar assim o número de salvos.

- ✓ O discipulado contínuo: nessa fase, o alvo é o ensino. Vem logo após o batismo. O discípulo batizado continua aprendendo mais sobre Deus, e sendo preparado para logo ser enviado em missão.

O ensino no processo do discipulado é indispensável e sem ele não há formação integral do discípulo. O novo membro precisa ser ensinado a andar com Deus, ele precisa aprender a orar, ler a Bíblia e como dar testemunho de sua fé. Ele é como um bebê recém-nascido. Sua fé está em processo de crescimento e solidificação. Conforme Walmir Rosa, “o discípulo deve ser estimulado a compartilhar suas vitórias espirituais com os amigos. Cada bênção compartilhada irá produzir alegria no coração e o preparará para tornar-se um discípulo discipulador”.¹²⁹

Nas palavras de Josué Campanhã:

Às vezes o novo discípulo de Jesus não amadurece por falta de ensino bíblico. Outras vezes os crentes têm recebido apenas ensino bíblico sem terem a consciência do significado de serem discípulos de Jesus. A igreja que entende este princípio tem tudo para sair da superficialidade, levar os seus membros a mergulharem na profundidade da Palavra e numa vida que cause impacto no mundo como discípulos de Jesus.¹³⁰

O discípulo precisa alcançar certo grau de maturidade para que ele seja um membro frutífero. Por isso que o processo do discipulado não pode ser rompido ou negligenciado. Todo discípulo precisa nascer, crescer e produzir. E o discipulado é o caminho que permite essas etapas na vida do discípulo. Para Markus Eberhart, o desejo de Jesus é “que seus discípulos sejam frutíferos e atuantes. Seu anseio é que seus aprendizes verdadeiramente aprendam a ter uma vida de dependência e imitação para poderem abalar as estruturas do inferno, arrancando pessoas das garras do inimigo”.¹³¹

¹²⁹ ROSA, Walmir. *Igreja essencial*. São Paulo: Imprensa da Fé, 2013. p. 159.

¹³⁰ CAMPANHÃ, 2012, p. 61, 63.

¹³¹ EBERHART, 2011, p. 22.

James A. Cress expressa que:

Negligenciar um novo crente nessa fase pode levá-lo a deixar a igreja ou a permanecer para sempre na primeira infância. O converso destinado a ser um decidido servo de Cristo e de Sua igreja continua como um bebê precisando de constantes cuidados. É um processo contínuo. A tarefa da igreja só se completa quando os novos crentes estão realizando a vontade de Deus em suas escolhas e ações. Tal entendimento da teologia da assimilação como um processo nos capacitará a caminharmos em direção a aplicações mais práticas baseadas em expectativas realistas de que os “recém-nascidos” normalmente alteram o *status quo* do círculo familiar.¹³²

3.4 Princípios bíblicos do discipulado de Jesus

Como um bom mestre, Jesus praticou alguns princípios no seu processo discipulador com os seus discípulos, que ainda são válidos e extremamente essenciais para os dias atuais. São princípios práticos e mui eficazes na formação de um discípulo, mas também norteiam o discipulador em sua missão de discipular. Bill Bright¹³³ lista oito princípios do discipulado de Jesus que foram relevantes em seu ministério:

- 1) Ele orou por Seus discípulos (João 17.9-11).
- 2) Ele ensinou a Palavra de Deus a Seus discípulos (Lc 24.44-48).
- 3) Ele dependia de Deus e do Poder do Espírito Santo (João 5.30; Lc 4.1).
- 4) Ele treinou Seus discípulos e depois os enviou para pregar (Mt 28.18-20; Mc 3.13-15¹³⁴; At 1.8).
- 5) Ele exortou Seus discípulos a assumir uma vida de fé (Mt 14.22-32).
- 6) Ele enfatizou uma perspectiva eterna (Mt 6.19-21).
- 7) Ele iniciou e modelou o evangelismo (Lc 8.1; João 4.27-42).
- 8) Ele foi um exemplo de serviço (Mt 20.28; João 13.1-17).

O discipulado é um método bíblico, e o mesmo deve ser tratado e implantado de forma espiritual. Sua eficácia está alicerçada no seguimento à risca dos parâmetros encontrados na Palavra de Deus. O discipulado visa não somente o

¹³² CRESS, 2010, p. 30-31, 33.

¹³³ BRIGHT, Bill. *5 Steps to Making disciples: leader's guide*. Orlando: New Life Publications, 1997. p. 26-27.

¹³⁴ O alvo da missão dada no Evangelho de Marcos é pregar a todos. Cada ouvinte deveria ser um crente. O verbo usado é *kêryxate* que aparece no imperativo aoristo, expressando a ideia de uma ordem urgente e decisiva com resultados imediatos, também como algo a ser cumprido. O arauto de Marcos proclama a mensagem com a autoridade que lhe confere o Evangelho a fim de cumprir a tarefa de alcançar “a cada criatura”. Ver Luiz Nunes, “A dimensão evangelística da pregação”, MA, julho-agosto, 2000, 18-20; e Rafael L. Monteiro, “Estratégias para discipular”, MA, março-abril, 2000, 14-16.

ensino e a formação intelectual, mas seu principal foco é levar cada cristão a ter uma vida mais próxima de Deus. Josué Campanhã ressalta que “não se pode perder de vista que o objetivo maior do discipulado é a ação do Espírito Santo na vida das pessoas”.¹³⁵

Qualquer concessão que se fizer com esses princípios para facilitar o método do discipulado levará à fragilidade e até mesmo ao comprometimento de todo o processo. Nem sempre o mais importante é o resultado em si, mas sim o seguimento do processo. Negligenciar ou anular tais princípios seria como cometer um crime contra as Sagradas Escrituras.

3.5 O discipulado e a missão evangelística

Não podemos separar o discipulado da missão, pois quando fazemos isso, os resultados resultam em fracassos e frustrações. Ambos devem seguir o mesmo caminho, eles são codependentes, pois não se pode falar de discipulado sem remontar à missão da igreja. A missão da igreja é fazer discípulos, e não produzir números de crentes que não conhecem a Bíblia, não se envolvem na missão e nem permanecem firmes como cristãos. Discipulado e missão devem andar de mãos dadas. De acordo com Don Richardson, “a Bíblia começa com missões, mantém missões como seu tema central de ponta a ponta, e depois chega ao seu clímax, no Apocalipse, com explosões espontâneas de alegria porque o mandato missionário foi cumprido!”¹³⁶

O evangelismo é uma tarefa de todos os membros e líderes da igreja. A obra evangelística auxilia a igreja na missão de fazer novos discípulos. O evangelismo é envolvente, empolgante, motivador e reaviva a vida da igreja que nele se envolve. Conforme Juan Carlos Ortiz:

Cada membro da congregação é um tijolo, e todos nós nos esforçamos arduamente para conseguir mais tijolos. Até o pastor trabalha em evangelismo, no intento de levar mais tijolos para o local da construção. Nós não aplicamos este processo de multiplicação na igreja. O pobre do pastor toma conta de todos, e aí é que está o problema. Se quisermos crescer e expandir e assentar os tijolos para edificar o edifício, temos que modificar este estado de coisas. Temos que fazer discípulos para que estes possam

¹³⁵ CAMPANHÃ, 2012, p. 131.

¹³⁶ RICHARDSON, Don. *O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 169.

fazer outros discípulos. Temos que ser pais, e não diretores de orfanatos. Foi assim que Jesus agiu.¹³⁷

O evangelho precisa chegar a todas as pessoas e isso será por meio dos servos de Deus. Cada discipulador é um evangelizador. Não existe nenhuma maneira de excluir a obra da evangelização do processo do discipulado. O resultado final do discipulado é a multiplicação de evangelistas discipuladores. E para que a evangelização tenha sucesso, é preciso conhecer os contextos e ambientes em que as pessoas estão vivendo. Carlos H. Cerdá afirma “o evangelho deve ser pregado a toda nação, tribo, língua e povo, por isso que é importante interiorizar-se no contexto social que influi no comportamento dos indivíduos”.¹³⁸

Portanto, missão é um tema central na Bíblia, e precisa ser o principal tema de preocupação da igreja. Citando Breytenbach, David Bosch argumenta que “é a espera da parúsia que proporciona a motivação para o discipulado e o compele a expressar-se na missão. A espera do futuro é um elemento integrante da compreensão de Marcos acerca do discipulado em missão”.¹³⁹

A igreja que não entende a missão que recebeu acaba divorciando-se do “noivo”, ou vivendo de aparências com ele. Nesse caso o “noivo” é Jesus. Igrejas desse tipo tentam fazer Jesus morar na mesma “casa” e tentam demonstrar que estão com excelente relacionamento com o “noivo”, mas na verdade estão vivendo de aparências.¹⁴⁰

A igreja recebeu uma “comissão”¹⁴¹, o que implica que foi lhe dada uma ordem e não uma opção, “fazer discípulos”, ou seja, discipulado não é uma sugestão, mas sim uma missão dada à igreja na terra. Toda igreja séria leva o processo do discipulado a sério. Suas ações evangelísticas estão embutidas e carregadas com as estratégias e ideologias discipuladoras.

Quando uma igreja apenas evangeliza, está convidando pessoas para aceitarem as boas novas de Jesus, mas não para serem discípulos dele. Evangelizar é levar as boas novas. Discipular é promover transfusão de vida. Jesus veio para que as pessoas tenham vida em abundância. Uma missão superficial gera discipulado superficial. Deus enviou a igreja local para uma comunidade e sua missão não se restringe à evangelização. A

¹³⁷ ORTIZ, 1977, p. 111-113.

¹³⁸ KLINGBEIL, Gerald A. (Ed.). *Misión y contextualización*. 1. ed. Libertador San Martín, Entre Ríos: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2005. p. 23.

¹³⁹ BREYTENBACH, 1984 apud BOSCH, 2014, p. 61-62.

¹⁴⁰ CAMPANHÃ, 2012, p. 16.

¹⁴¹ “Uma comissão é uma ordem que uma pessoa dá a outra para que efetue algum encargo. Assim, a Grande Comissão (Mt 28.19-20) é uma ordem de Jesus a seus seguidores, para serem seus representantes na Terra”. Ver: CAMPANHÃ, 2012, p. 17.

igreja tem de fazer o que Jesus fez. A missão da igreja deve ser modelada pela missão de Jesus.¹⁴²

A existência de uma igreja tem como objetivo o cumprimento de um propósito bem definido, o de “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). Dietrich Bonhoeffer afirmou: “A Igreja só é Igreja quando existe para outros”.¹⁴³ Ou seja, a igreja existe para cumprir a missão na vida das pessoas. E não existe outra maneira mais eficaz de cumprir esse propósito divino dado à igreja que não seja mediante o processo do discipulado, pois além de ser bíblico, é completo em sua dimensão, métodos, alcance e resultados.

Comentando sobre a missão da igreja, Charles van Engen disse que: “A missão chama-nos a um reexame radical. Se ela faz parte da essência da natureza da Igreja como corpo de Cristo e povo de Deus, então deve ser a primeira da lista”.¹⁴⁴ Mas vale salientar que essa missão só terá o êxito esperado se for acompanhada do discipulado que transforma ouvintes em praticantes, escravos em livres, pecadores em salvos.

Toda igreja deve ter um verdadeiro anseio pelo crescimento numérico de sua membresia, e a missão lhes proporciona isso. Keith Phillips comenta que “o discipulado é o único meio de produzir tanto a quantidade como a qualidade que Deus deseja dos cristãos”.¹⁴⁵ Mas não deve ser um crescimento descontextualizado e nem desvinculado do discipulado, pois deixará de ser um crescimento numérico saudável e passará a definir-se como um “inchaço numerólogo”. O Dr. Waylon B. Moore diz que “um nascimento espiritual sadio é essencial para o crescimento no discipulado. Parte do retardamento espiritual nos membros da igreja pode ser atribuído a decisões iniciais obscuras em aceitar Cristo”.¹⁴⁶ Para James E. Newbigin

Qualquer pessoa que conheça Jesus Cristo como Senhor e Salvador deve desejar ardentemente que outras pessoas também tenham esse conhecimento e deve regozijar-se quando se multiplica o número delas. Quando não existem esse desejo e esse regozijo, devemos-nos perguntar se não há algo de errado exatamente no centro da vida da igreja.¹⁴⁷

¹⁴² CAMPANHÃ, 2012, p. 22.

¹⁴³ ENGEN, Charles van. *Povo missionário, povo de Deus: por uma redefinição do papel da igreja local*. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 93.

¹⁴⁴ ENGEN, 1996, p. 100.

¹⁴⁵ PHILLIPS, 2008, p. 27.

¹⁴⁶ MOORE, 1990, p. 43.

¹⁴⁷ NEWBIGIN, James E. *The open secret: sketches for a missionary theology*. Grand Rapids, Eerdmans, 1978. p. 142.

Peter Wagner argumenta que nas igrejas que visam somente o batismo das pessoas como sendo a única finalidade do evangelismo, “é difícil encontrar uma justificativa para sua continuação. Porque apenas com a realização de seu propósito, ‘fazer discípulos’ os meios empregados são justificados”.¹⁴⁸ E Oscar Thompson acrescenta mais ainda sobre o argumento de Peter Wagner ao dizer que: “Somos bons em ensinar e batizar. Mas por algum motivo perdemos nosso tema central. Não somos muito bons em fazer discípulos enquanto seguimos o mandamento de ir”.¹⁴⁹

Os novos convertidos devem ser treinados e depois enviados para fazerem outros discípulos. Aqui reside o encontro do evangelismo com o discipulado. Todo novo discípulo precisa ser preparado para ser um novo discipulador. Craig Ott e Gene Wilson comentam o seguinte:

O evangelismo deve conduzir ao discipulado e o discipulado deve incluir o batismo e o aprendizado da obediência a Cristo. A separação entre o evangelismo e o discipulado é artificial. A ordem para ambos vem do mesmo mandamento de “fazer discípulos” (Mt 28.19). No Novo Testamento, o discipulado é a ponte que liga a proclamação do Evangelho ao estabelecimento dos cristãos na fé. É muito importante considerar o evangelismo como um processo que flui dentro do discipulado.¹⁵⁰

Todo discípulo deve ser enviado para uma obra de evangelização. O discipulado tem uma participação direta no evangelismo. E tudo o que a igreja faz precisa ser focado no cumprimento da missão. Para Bill Hull, “Todo discípulo deve fazer discípulos. Fazer discípulos inclui conduzir pessoas a Cristo, edificá-las na fé e enviá-las ao campo de colheita”.¹⁵¹ Já Robert Coleman afirma que:

Os discípulos cristãos são homens enviados, enviados para a mesma obra de evangelização do mundo para a qual o Senhor foi enviado, e por causa da qual ele deu a própria vida. O evangelismo não é um acessório opcional em nossas vidas. É a pulsação que movimenta tudo aquilo que fomos chamados para ser e fazer. É o comissionamento da igreja, que dá sentido a tudo mais que é empreendido em nome de Cristo. Com este propósito bem focado, tudo quanto for feito e dito resultará um glorioso cumprimento no propósito redentor de Deus. Instituições educativas, programas sociais, hospitais, reuniões de qualquer espécie nas igrejas locais, tudo feito em nome de Cristo, terá sua parcela no cumprimento dessa missão.¹⁵²

¹⁴⁸ WAGNER, C. Peter. *Your church can Grow*. Ventura: Regal, 1987. p. 161.

¹⁴⁹ THOMPSON, W. Oscar, Jr. *Concentric circles of concern*. Nashville: Tidings, 1973. p. 156.

¹⁵⁰ OTT; WILSON, 2013, p. 231-239.

¹⁵¹ HULL, Bill. *A igreja que faz discípulos*. São Paulo: EBR, 2003. p. 18.

¹⁵² COLEMAN, 2006, p. 88.

O discipulado produz discípulos e multiplica os discipuladores. Ele é altamente evangelístico. Ao falarem sobre o alvo do discipulado, Craig Ott e Gene Wilson dizem que “o alvo do discipulado é a multiplicação de testemunhas de Cristo transformadas pelo Espírito que se tornam agentes de seu Reino. Somente o discipulado simples, orgânico, relacional e acessível a cada cristão conduzirá à multiplicação”¹⁵³ A igreja que compartilha essa visão nunca deixa de crescer e se multiplicar.

Cada modelo de igreja vê a sua missão de diferentes formas. E a visão que elas possuem da missão que carregam, define bem onde e como elas investem seus recursos, talentos e tempo. Algumas se centralizam na obra da caridade, outras no ensino, e há aquelas que se voltam para o estabelecimento de muitas outras entidades que atendam às diferentes necessidades físicas e espirituais da humanidade. Comentando sobre o assunto, Charles van Engen afirma o seguinte:

A Igreja santa anseia incorporar mais e mais homens e mulheres e unir a tudo e a todos aos pés de Jesus Cristo. A Igreja santa anseia fazer a santidade de Deus estar presente na vida de toda a humanidade pecaminosa. A Igreja católica anseia espalhar a sua comunidade universal de fiéis imbuídos de amor, a fim de abarcar todos os que creem no Senhor Jesus Cristo. A Igreja apostólica anseia ir e fazer discípulos de todos os povos, porque lá, entre todas as nações, Cristo prometeu estar presente. Essa Igreja que anseia sabe que foi arrebanhada para servir, e arrebanhar outros para servir junto com ela no mundo. Esses discípulos vêm esperando, orando, desejando, ansiando que os que são “Não-Meu-Povo” experimentem a alegria de se tornar povo de Deus (1Pe 2.9-10). Esse anseio é a característica fundamental da Igreja que faz surgir o seu apostolado.¹⁵⁴

Citando Juan Stam, Josué Campanhã afirma que “a prioridade no discipulado de Jesus era ‘ser discípulo’, custe o que custar, com ou sem ‘êxito’, até a própria morte. Este é o discipulado que cumpre a missão”.¹⁵⁵ Refletindo sobre tal citação, cabe-nos pensar que como igreja que temos a missão de expandir o Reino de Deus, só será possível se casarmos a missão de evangelizar com a “comissão” de discipular.

Waldron Scott¹⁵⁶ relaciona de forma balanceada e equilibrada a interdependência do evangelismo voltado para as decisões e o evangelismo voltado para o discipulado. Ele apresenta três pontos importantes:

¹⁵³ OTT; WILSON, 2013, p. 241-242.

¹⁵⁴ ENGEN, 1996, p. 104.

¹⁵⁵ CAMPANHÃ, 2012, p. 25.

¹⁵⁶ WIRT, Sherwood Eliot. *Evangelism: the next ten years*. Waco: Word, 1978. p. 103-104.

- 1) O discipulado é o objetivo final e verdadeiro do evangelismo bíblico.
- 2) Qualitativamente falando, o evangelismo é delineado, tanto em seu conteúdo quanto em estilo, pelo conceito de discipulado que se possui.
- 3) Em termos quantitativos, o discipulado bíblico multiplica os frutos do evangelismo.

De acordo Christopher J. H. Wright:

O evangelismo e o ensino (discipulado) são juntos, partes integrais e essenciais da missão. Paulo disse a Timóteo para 'fazer o trabalho de um evangelista' e também ensinar a sã doutrina. O péssimo resultado de se separar o evangelismo do discipulado, priorizando-se o primeiro, é a pouca profundidade, a imaturidade e a vulnerabilidade o falso ensino; a igreja cresce sem profundidade e logo definha (conforme Jesus advertiu na parábola do semeador; Mt 13.20-22)".¹⁵⁷

Nas palavras do Dr. Waylon B. Moore:

Ganhar almas não é fazer discípulos; mas ganhar almas é importantíssimo, se os discípulos visam se tornar aptos a se reproduzirem na vida dos outros. Evangelização é o primeiro elo da cadeia de multiplicação espiritual. As igrejas que têm dado uma ênfase exagerada a batismos e programas ou têm uma preocupação indevida com a "qualidade de membros" precisam reconsiderar a ordem de Cristo para fazer discípulos. O discipulado é a forma mais rápida de multiplicar líderes que apressarão tanto a evangelização quanto o discipulado. Salvar almas e edificar discípulos são duas coisas inseparavelmente ligadas na Bíblia.¹⁵⁸

Não há aqui nenhum argumento que prove que um é mais importante do que o outro, ou que devem ser separados. Ambos são relevantes e eficazes para a missão da igreja na Terra. A igreja não deve optar por um e menosprezar o outro. Não existe missão sem o ensino, e o ensino não exclui a missão.

3.6 Passos para implantar o discipulado na igreja local

A primeira coisa que deve acontecer em uma igreja que deseja implantar o discipulado é a mudança da visão, começando pelos líderes e alcançando todos os membros. Todos precisam compartilhar a mesma ideia, o pensamento deve ser unânime em torno da mudança do estilo de ser e fazer igreja. Para que isso aconteça, Derson Lopes comenta sobre a necessidade de uma verdadeira compreensão da palavra "igreja". Para ele, "os membros devem compreender que a igreja são pessoas e não o prédio em si. Cada membro é a igreja, e onde ele está,

¹⁵⁷ WRIGHT, 2012, p. 341.

¹⁵⁸ MOORE, 1990, p. 30-32.

ela estará. Igreja não é o que acontece nos cultos do templo, mas o que acontece na vida diária de cada membro”.¹⁵⁹

No início, tudo vai parecer estranho e pouco provável a aceitação. Mas com o desenrolar-se do processo, a igreja verá o tremendo resultado de participar de uma igreja discipuladora. De acordo com Derson Lopes, “embora o processo inicial seja bastante trabalhoso, depois que o modelo estiver implantado na igreja, os processos fluirão naturalmente. E haverá um alto ganho de produtividade e autorrealização dos líderes”.¹⁶⁰

Alguns cuidados devem ser levados em conta ao implantar o discipulado em uma igreja. Tais como: não pular nenhum passo, observar a sequência dos passos para que o processo avance, ter o apoio da liderança, está consciente de que os membros entenderam a visão e a necessidade de se ter um processo discipulador, analisar e seguir os princípios que o regem, conhecer a realidade e o perfil da igreja e, por último, buscar saber qual é a vontade de Deus para aquela igreja.

Os seguintes passos ajudarão na implantação do processo discipulador em uma igreja que decidiu seguir o método de Cristo:

- 1) Orar pedindo de Deus ajuda e sabedoria para apresentar o plano e que Ele mova os corações para a aceitação e execução do processo discipulador.

A oração é a chave que abre os corações. E quando permitimos que Deus atue em nossos projetos, estamos deixando que Ele nos conduza ao sucesso. A oração deve ser especificamente pela implantação do processo do discipulado. Para William Macdonald, “as nossas orações devem ser específicas. Somente quando orarmos por questões definidas é que poderemos ver respostas definidas”.¹⁶¹

- 2) Trabalhe bem a visão com os líderes e membros em geral.

Mostre-lhes que essa é a maneira como Cristo trabalhou na formação dos seus discípulos, apresentando a necessidade da igreja e dos líderes terem uma visão discipuladora.

- 3) Escolha um núcleo ou grupo de pessoas já batizadas para começar o processo.

¹⁵⁹ LOPES, Derson. *Administração da igreja missional*. São Paulo: Núcleo Missional APL, 2012. p. 26.

¹⁶⁰ LOPES, 2012, p. 83.

¹⁶¹ MACDONALD, 2009, p. 60.

O discipulador-mestre (pastor ou alguém que foi treinado) irá se reunir com esse grupo para ensiná-lo, treiná-lo, capacitá-lo e equipá-lo. Fazendo de cada integrante do grupo um verdadeiro discipulador. O objetivo aqui é fazer com que cada novo discipulador compreenda o processo e se comprometa em “fazer outros discípulos”. Josué Campanhã afirma que:

Independentemente do tipo da estrutura que sua igreja possui, você pode iniciar o processo de discipulado com um pequeno grupo para os membros da igreja. Depois de concluir o estudo com o primeiro grupo da igreja, novos grupos podem ser formados. E paralelo a isto, pode-se iniciar um pequeno grupo apenas com novos crentes.¹⁶²

4) Multiplique os discipuladores.

Cada discípulo formado como discipulador no núcleo de formação irá se reproduzir em outros discípulos. E isso levará a uma constante formação de discípulos-discipuladores. Conforme Josué Campanhã, “a pessoa que ensina ou discipula faz toda a diferença. Um dos grandes desafios da igreja é transformar os professores em discipuladores”.¹⁶³

5) Plante uma cultura discipuladora na igreja.

Que cada pessoa recém-batizada seja envolvida no processo do discipulado. Todo novo membro precisa ter um “guardião espiritual”. Esse guardião será o seu discipulador. A ideia é que nenhum novo discípulo fique sem o seu discipulador.

6) Fale sempre sobre discipulado, fundamentando-o na Bíblia.

A igreja precisa ouvir e aprender constantemente sobre o método de Cristo. Quanto mais se falar sobre o tema, melhor será a compreensão e aceitação dos membros. Eles precisam colocar em prática aquilo que foi ordenado pelo Mestre Jesus.

7) Prepare materiais e facilite recursos sobre o discipulado para os membros.

Isso os levará a ampliarem a visão. E os equipará com bons materiais que os ajudarão na implantação e estabilidade do processo. E os materiais e recursos os

¹⁶² CAMPANHÃ, 2012, p. 99-100.

¹⁶³ CAMPANHÃ, 2012, p. 37.

ajudarão a seguirem na compreensão sobre o tema, na reprodução da visão e vos dará estabilidade no processo.

- 8) Conscientize a igreja sobre a importância de pertencer ao processo discipulador.

Nenhum membro deve se sentir no “luxo” de estar de fora desse processo. Então se faz necessário mobilizar o maior número de membros possível para se envolverem com o discipulado de alguém.

- 9) Estabeleça o discipulado como um estilo de vida da igreja.

Os membros devem entender que discipulado não é mais um programa da igreja. Nem tão pouco um evento repentino, mas sim o jeito de ser da igreja. É sua respiração, preocupação e onde devem estar concentrados seus maiores investimentos. A igreja precisa viver o discipulado como um estilo de vida.

- 10) Inicie todo o processo sempre que for necessário, para que ninguém venha perder a visão e para que a igreja sempre tenha equipes discipuladoras.

Isso deve ser um ciclo constante da igreja. Algo que não pode parar, pois a igreja vive em discipulado, e não com o discipulado. Conforme Bill Hull:

Não há maneira de reproduzir, multiplicar e descentralizar pessoas e o Evangelho sem primeiro fazer discípulos, e com muita diligência. O modo como temos procedido não está produzindo a qualidade ou a quantidade necessárias de pessoas para cumprir a ordem de Cristo. O discipulado leva à reprodução e, finalmente, à multiplicação, que são o projeto e o método de Deus para alcançar o mundo.¹⁶⁴

A igreja precisa ter uma visão altamente discipuladora. Suas obras, eventos e programas devem ser fincados na missão de “fazer discípulos”. O processo de implantação do discipulado deve ficar claro para todos. “É preciso preparar um processo simples de discipulado. O processo precisa ser claro. Precisa conduzir as pessoas à maturidade. Ele precisa estar totalmente ligado à igreja”.¹⁶⁵ Sem essa compreensão ficará muito difícil para a igreja conseguir estabilizar e fazer com que os recém-convertidos permaneçam na fé. Para o Dr. Rafael Luiz Monteiro, a visão sobre o discipulado deve fazer parte de todos, começando pelo pastor. Ao mesmo

¹⁶⁴ HULL, 2003, p. 9-12.

¹⁶⁵ RAINER, Thom S.; GEIGER, Eric. *Igreja simples: retornando ao processo de Deus para fazer discípulos*. Brasília: Editora Palavra, 2011. p. 38-39.

tempo, ele ressalta a importância de alguns dos passos apresentados. Ele afirma que:

O pastor deve ter visão, não a sua própria, mas aquela dada por Deus, fruto de sua comunhão por meio da Palavra, da oração e de sua pregação. A visão que Cristo possuía levou-O a chamar doze homens, Seus primeiros discípulos, e prepará-los, em grupos pequenos, para as tarefas do discipulado que mais tarde foram vistas na incipiente igreja de Jerusalém. Esta prática missionária foi se tornando gradativamente um estilo de vida da igreja apostólica, e favoreceu seu crescimento por décadas.¹⁶⁶

¹⁶⁶ MONTEIRO, 2004, p. 144-145.

4 O DISCIPULADO E A PERMANÊNCIA DOS MEMBROS NA IGREJA

O discipulado proporciona maior estabilidade para os novos convertidos e fortalece a fé dos mais antigos. Em alguns momentos, o ato de “fazer discípulos” tem sido tratado como um mero ou mais um programa da igreja, ou em outras situações, o discipulado é oferecido no formato de um curso para ensinar a como formar membros recém-batizados em membros maduros. Mas o discipulado deve ser o estilo de vida e o jeito de ser de uma igreja comprometida com a missão e a salvação de pessoas.

Fazer com que cada membro da igreja se transforme em um discípulo-discipulador, é uma árdua tarefa. Mas todo membro que se compromete com o discipulado tem menos probabilidade de sair da igreja. Não se pode esquecer que manter uma pessoa como membro da igreja é tão importante quanto batizá-la. O batismo é início da jornada, e o discipulado é o acompanhante durante toda a caminhada cristã. O discipulado também transforma as pessoas. Robert Coleman¹⁶⁷ indica alguns dos muitos meios usados por Cristo para a transformação de vidas. São eles:

- ✓ A importância dos relacionamentos – Marcos 3.13-15; João 1.35-42.
- ✓ Reuniões nas casas – Atos 5.42; 20.20.
- ✓ Colocar as escrituras em prática – Mateus 28.20.
- ✓ O batismo – Mateus 28.19.
- ✓ Uma nova comunidade – Atos 2.42-47.
- ✓ Obediência amorosa ao Mestre – João 15.
- ✓ A transformação da cosmovisão e dos valores – Romanos 12.2.
- ✓ Uma nova fonte de vida e poder – Atos 1.8; Gálatas 5.22.

Há uma necessidade de aproveitar o momento que os novos convertidos estão vivendo e ajudá-los a organizarem suas vidas em conformidade com as verdades que eles aprenderam. Para que isso aconteça, Craig Ott e Gene Wilson comentam:

Um plano de acompanhamento equilibrado consistirá em um estudo bíblico que não somente esclareça as principais verdades cristãs, mas também ajude os novos convertidos a aplicarem essas verdades em suas vidas

¹⁶⁷ COLEMAN, 2006, p. 80-95.

diárias. Isso incluirá muita oração em favor dos novos cristãos e instruções práticas nas disciplinas cristãs. É extremamente importante ajudá-los a discernir a vontade de Cristo para suas vidas e organizar suas atividades sob o senhorio de Cristo. É durante as primeiras semanas que os novos convertidos estão abertos a mudanças, pois estão sensíveis à realidade da recente obra de Deus em suas vidas. Não se pode perder essa oportunidade.¹⁶⁸

Falando sobre o processo do discipulado e a permanência dos novos membros na fé, o teólogo adventista James Cress afirma o seguinte sobre o ato de discipular outros:

Discipular outros é o processo pelo qual um cristão cuja vida é digna de ser imitada se compromete, por um longo período, com algumas pessoas que foram ganhas para Cristo, com o propósito de ajudá-las, de conduzir seu crescimento até a maturidade e de torná-las prontas para conseguir formar uma terceira geração espiritual.¹⁶⁹

Comentando sobre o discipulado com novos crentes, Alton Garrison ressalta que “o processo de discipular não está completo até que os novos cristãos se multipliquem, tornando-se discipuladores. Durante a jornada de discipulado com o novo cristão, comece a imaginar o futuro dele discipulando outra pessoa”.¹⁷⁰

Emílio Abdala¹⁷¹ apresenta alguns passos essenciais para o discipulado e assimilação dos recém-convertidos, que são:

- 1) Ajudar os novos membros a fazerem amizades.¹⁷²
- 2) Facilitar o envolvimento dos novos membros nos diferentes grupos e ministérios da igreja.¹⁷³
- 3) Enraizar sua fé nas Sagradas Escrituras.
- 4) Envolvê-los nos pequenos grupos e relacionamentos de discipulado.
- 5) Ensiná-los sobre o novo estilo de vida que eles adotaram.

Conforme a escritora Ellen G. White:

¹⁶⁸ OTT; WILSON, 2013, p. 237-238.

¹⁶⁹ CRESS, 2010, p. 13.

¹⁷⁰ GARRISON, Alton. *Discípulo 360º: de volta ao ponto de partida*. Rio de Janeiro: Bv Books, 2015. p. 182.

¹⁷¹ ABDALA, Emílio. *Diagnose: avaliando e planejando o crescimento da igreja local*. Artur Nogueira: União Central da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2013. p. 67-68.

¹⁷² “O discipulado pressupõe relacionamento. Não acontece discipulado sem relacionamento diário e constante. Não podemos reduzi-lo a uma simples transmissão de conhecimentos”. Ver: EBERHART, 2011, p. 21.

¹⁷³ “Os ministérios surgem, portanto, conforme as necessidades da própria igreja e do contexto em que ela está envolvida, e de acordo com a disponibilidade das pessoas para tentar supri-las. Enquanto as igrejas, ou lideranças investirem apenas na evangelização, será difícil o surgimento de outros ministérios; muitos cristãos ficarão atrofiados porque sua habilidade não é evangelizar”. Ver: GIANASTACIO, Vanderlei. *Responsabilidade social, serviço e cidadania à luz da igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 130.

Os novos conversos precisam ser instruídos por fiéis instrutores da Palavra de Deus para que cresçam no conhecimento e no amor da verdade. Os recém-chegados à fé devem receber um trato paciente e benigno, e é dever dos membros mais antigos da igreja, cogitar meios e modos para prover auxílio, simpatia e instrução. Depois de as pessoas se haverem convertido à verdade, cumpre que sejam cuidadas.¹⁷⁴

O teólogo Russell Burrill afirma que “é preciso que um plano bem elaborado esteja pronto para a incorporação daqueles que foram batizados, pois você não quer perder essas preciosas almas recém-chegadas”.¹⁷⁵ Ele sugere que se disponibilize um tipo de “guardião espiritual”¹⁷⁶ para cada novo membro. A principal responsabilidade desse guardião é ajudar os recém-convertidos a se sentirem bem na nova comunidade, e incorporá-los à igreja. E o processo do discipulado é o melhor plano estratégico de envolvimento, treinamento e preparação do novo membro com a igreja e a missão.

4.1 O discipulado como um estilo de vida

De acordo com George W. Peters, “o discipulado cristão foi separado da vida diária de todos os cristãos e tratado em termos de grande e heroico, com um sentido peculiar de santidade, ao invés de estar presente nas atividades e relações da vida”.¹⁷⁷ Não é fácil ter um estilo de vida discipulador, mas é muito gratificante. Como escreveram Daniel e Isabel Mastral: “o treinamento missionário é árduo. Quanto mais suar no treinamento, menos sangrará na guerra. Haverá momentos de dor. Prossiga. Não desista, persista, insista na vitória”.¹⁷⁸

Tudo é possível, basta persistir naquilo que se quer alcançar. O discipulado como estilo de vida para uma igreja do século XXI é de extrema importância. As igrejas na atualidade estão “inchando” em vez de crescerem. E o discipulado permite um crescimento saudável em vez de um inchaço passageiro.

A igreja precisa respirar e transpirar o discipulado em suas atividades. Cada membro da igreja deve viver o verdadeiro e único método de Cristo de fazer discípulos. O discipulado como um estilo de vida e o jeito de ser e fazer discípulos levará a igreja a sentir o real sentido do cristianismo e os membros não só se

¹⁷⁴ WHITE, Ellen G. *Evangelismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 337-351.

¹⁷⁵ BURRILL, 2011, p. 245.

¹⁷⁶ BURRILL, 2011, p. 245-246.

¹⁷⁷ PETERS, 200, p. 229.

¹⁷⁸ MASTRAL, Daniel e Isabela. *Missões, conhecendo para evangelizar*. Niterói: BV Films Editora Ltda, 2012. p. 17.

reproduzirão, mas também se multiplicarão. Eis aqui um dos maiores e mais essencial fator de crescimento de igreja e formação e transformação integral de membros em verdadeiros discípulos.

O discipulado deve estar inserido no coração da igreja. Ela deve respirar uma atmosfera discipuladora, onde as pessoas cuidam umas das outras. Se não há discipulado como o jeito de ser e viver da igreja, fica muito difícil conseguir manter, treinar e multiplicar o número de fiéis. Para Adão de Santana:

Discipulado não é comunicação de conhecimento, mas na verdade comunicação de vida. Jesus disse: “As palavras que eu vos disse (a linguagem que falo, não são meramente ideias informáticas) são espírito e vida” (Jo 6.63). Numa reunião de discipulado não ensino as pessoas a conhecer o que eu conheço, mas a se tornar o que eu sou. Discipulado é uma comunicação interrupta de vida e espírito. Um discípulo é uma pessoa que aprende a viver do mesmo modo que o seu mestre vive. Ser discípulo não é aprender apenas o que o mestre sabe, é chegar a ser como ele é.¹⁷⁹

De acordo Bill Hull, “fazer discípulos continuará até que Cristo volte. A igreja de Jesus Cristo estará sob o mandamento de fazer discípulos enquanto tiver fôlego. Esta é a força propulsora e o fundamento de tudo o que a igreja é e faz”.¹⁸⁰ O estilo de vida da igreja deve está fundamentado e alicerçado no processo de fazer discípulos. Discipulado vivo e verdadeiro é o verdadeiro jeito de ser e fazer igreja.

4.2 Discipulado e amizade

O fator amizade é de suma importância para o bom andamento do discipulado. Sem ela fica complicada a aceitação e assimilação do processo na igreja. Os membros precisam viver o verdadeiro amor uns com os outros. Keith Phillips afirma que “o discipulado é um encontro de uma vida com outra. Não é apenas uma série de reuniões sobre determinado plano de estudo. É essencialmente relacional, um investimento de tudo que você é em outra pessoa”.¹⁸¹

É preciso haver calor humano entre o discípulo e o discipulador. O amor é o principal ingrediente de unidade, estabilidade e permanência do discipulado. Quando amamos verdadeiramente o próximo, revelamos que amamos mesmo a Deus. O discipulador precisa demonstrar amor sincero pelo seu discípulo. Keith Phillips

¹⁷⁹ SANTANA, Adão de. *O método favorito de Jesus para fazer discípulos*. Santos: Gráfica Impressos Rápidos Ltda, 1996. p. 12, 22-23.

¹⁸⁰ HULL, 2003, p. 19.

¹⁸¹ PHILLIPS, 2008, p. 105.

ressalta que “o discipulador não deve se envergonhar de dizer para o seu discípulo que o ama”.¹⁸²

Segundo Emílio Abdala, os amigos e parentes são de suma importância na conversão e permanência dos novos membros na igreja. Segundo Abdala, especialista em crescimento de igreja, existem duas razões fundamentais para que eles permaneçam na fé: “Primeira, o amor nesse relacionamento implica confiança, cuidado e preocupação mútua. Segundo, as pessoas mais próximas de um cristão podem testemunhar de uma vida transformada pelo poder de Cristo”.¹⁸³ Já Christian A. Schwarz afirma que “a falha na integração apresentará um enorme índice de desistência de recém-convertidos”.¹⁸⁴ Então, é de extrema importância a amizade para os novos membros, e o discipulado proporciona tal amizade.

A igreja deve buscar criar e proporcionar momentos que facilitem aos membros criarem laços de amizade. O estreitamento dos laços auxilia na permanência daqueles que estão chegando à comunidade cristã, e solidifica os que já estão nela. Sem esquecer que a amizade é o fator número um que garante a preservação do novo membro. Afinal, o mesmo abandonou algumas amizades antigas para poder se encaixar dentro dos princípios que regem seu novo estilo de vida. Dizem as pesquisas missiológicas que um recém-convertido precisa de pelo menos cinco novos amigos na igreja para que ele se sinta bem acolhido e permaneça na fé. James Cress comenta que “fazer amigos se torna tanto um necessário e excelente método de acompanhamento no processo de assimilação de novos membros como uma eficaz estratégia evangelística”.¹⁸⁵

É na igreja que o membro espera encontrar um ambiente amigável, que lhe proporcione oportunidades de ser e fazer amigos. A amizade é um elemento essencial tanto para ganhar pessoas para Cristo, quanto para mantê-las na igreja, que é o corpo de Cristo. O novo membro precisa estar unido à igreja tanto em proximidade emocional, como doutrinária e física. Para Alton Garrison “o crescimento espiritual é mais bem servido com uma amizade discipuladora entre um cristão mais maduro espiritualmente e um novo convertido do mesmo sexo”.¹⁸⁶

¹⁸² PHILLIPS, 2008, p. 107.

¹⁸³ ABDALA, Emílio. *Fator amizade: contagiando o mundo para Cristo*. São Paulo: Parma, 2011.

¹⁸⁴ SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. *A prática do desenvolvimento natural da igreja*. 2. ed. Curitiba: Esperança, 2009. p. 112.

¹⁸⁵ CRESS, 2010, p. 65.

¹⁸⁶ GARRISON, 2015, p. 176-177.

James Cress citando Jerry Cook, apresenta três garantias que toda pessoa procura ter antes de decidir se abrir para receber a cura espiritual ou fazer parte de uma comunidade cristã. São elas:

Em primeiro lugar, esperam a garantia de que serão amadas sempre, sob quaisquer circunstâncias, sem exceção. Segundo, que serão completamente aceitas, sem reservas. E terceiro, que, não importando quão baixo elas caíam ou quão ostensivos sejam seus pecados, elas terão a sua disposição perdão sem limites.¹⁸⁷

Dietrich Bonhoeffer, em seu livro *Discipulado*, explica que “cada qual é chamado individualmente e tem que ser discípulo sozinho. Com receio dessa solidão, o ser humano procura proteção junto às pessoas e coisas que o cercam”.¹⁸⁸ Toda pessoa que aceitou ser um discípulo de Jesus, tem que romper relações e relacionamentos com outras pessoas, outros costumes e práticas. Esse rompimento significa que o indivíduo reconhece a Jesus Cristo como mais valioso do que tudo que há na vida. Para essa pessoa, o que mais importa agora é seguir a Cristo e viver para fazer a sua vontade.

Para o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer:

Todos entram sozinhos no discipulado, mas ninguém fica sozinho nele. A pessoa que ousa tornar-se indivíduo, confiante na Palavra, recebe a comunhão da igreja. Torna a encontrar-se numa comunhão visível, que a compensa cem vezes por aquilo que perdeu. Cem vezes Sim, pelo fato de, agora, ter tudo tão somente através de Jesus, do Mediador, o que naturalmente significa “com perseguições”. “Cem vezes”, “com perseguições”, essa é a graça da igreja que segue o Senhor sob a cruz. Esta é, pois, a promessa para os discípulos: a de se tornarem membros da comunidade da cruz, povo do Mediador, povo sob a cruz.¹⁸⁹

Portanto, investir em relacionamentos significativos deve ser uma busca constante das igrejas que desejam viver o processo do discipulado. Além do conhecimento intelectual e doutrinário que o membro precisa ter, ele também necessita de amizades sólidas e de envolvimento nos diferentes ministérios e atividades da igreja. Quem é útil nunca se sentirá inútil.

¹⁸⁷ COOK, 1979 apud CRESS, 2010, p. 77.

¹⁸⁸ BONHOEFFER, 2013, p. 51.

¹⁸⁹ BONHOEFFER, 2013, p. 57.

4.3 O pequeno grupo e sua contribuição para o discipulado

O pequeno grupo pode ser comparado com a base ou alicerce de uma casa na estrutura e implantação do processo discipulador. Sem uma vida em pequenos grupos, fica mais difícil para uma igreja assimilar e viver o estilo de vida discipulador. O pequeno grupo é uma “pequena igreja nos lares”, é um dos ambientes mais propícios para o desenvolvimento e envolvimento dos membros. É onde ele se sente mais acolhido, valorizado e útil. Nas palavras de Carlito Paes, “o pequeno grupo é um lugar de comunhão, de koinonia, durante o ano todo. Em todas as estações, devem-se exercer as mutualidades do Novo Testamento, ou seja, amar e servir sem parar!”.¹⁹⁰

Existem dois elementos que são bastante praticados nas reuniões dos pequenos grupos, o ato da partilha e do cuidado. Adolfo S. Suárez faz uma citação do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que afirma que “se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e cuidado mútuo”.¹⁹¹ Não pode haver comunidade sem a obra de compartilhar e cuidar. A própria sociedade sempre esteve e estará entrelaçada em compartilhamento e cuidado.

Uma igreja que vive em pequenos grupos tem a alegria de ter seus membros muito mais ativos e produtivos. Os pequenos grupos seguem o histórico da igreja. Para Ed Hayes, “os pequenos grupos sempre fizeram parte da vida da igreja”.¹⁹² E John Hall Elliott comenta que “eles foram um fator eficaz para o desenvolvimento da igreja primitiva”.¹⁹³ O teólogo anglicano John Stott, falando sobre o impacto e crescimento dos pequenos grupos, afirmou que “uma das características mais promissoras da igreja moderna é a fome pela experiência em pequenos grupos”.¹⁹⁴ Então, ter uma igreja em pequenos grupos é permitir que seus membros sejam discipulados e sigam discipulando novos discípulos. E assim, a igreja crescerá de forma mais saudável.

¹⁹⁰ PAES, Carlito. *Igreja brasileira com propósitos: a expiação que faltava*. São Paulo: Editora Vida, 2012. p. 163.

¹⁹¹ BAUMAN, 2003 Apud SUÁREZ, 2013, p. 79.

¹⁹² HAYES, Ed. *A igreja: o corpo de Cristo no mundo de hoje*. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 266.

¹⁹³ ELLIOT, John Hall. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Paulus, 2011. p. 196.

¹⁹⁴ STOTT, John. *Os cristãos e os desafios contemporâneos*. Viçosa: Editora Ultimato Ltda, 2014. p. 97.

É no pequeno grupo que o novo membro é amado, aceitado, capacitado e treinado para o cumprimento da missão. O propósito é prepará-lo para sair e discipular. Nas palavras de Cyro Mello, “o objetivo central do ministério de discipulado é a frutificação, ou seja, enquanto o novo discípulo não estiver preparado para ganhar outros para Jesus e integrá-los à igreja, o objetivo ainda não está alcançado”.¹⁹⁵

A escritora americana Ellen G. White ressalta a necessidade de dividir os membros em pequenos grupos com a finalidade de quantificar o trabalho e multiplicar os trabalhadores. Ela afirma: “se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos descrentes”.¹⁹⁶

A religião verdadeira precisa ter o aspecto e a dimensão social conjugada com seu aspecto religioso. Não pode existir religião genuína sem ações de caridade pela humanidade. O pequeno grupo facilita a obra social da igreja na comunidade e coloca os membros em contato com as pessoas que ainda não tiveram a oportunidade de ir a uma igreja. E a estrutura dos pequenos grupos permite que os discipuladores tenham mais convívio com tais indivíduos. Falando sobre isso, Ellen G. White escreveu:

É pelas relações sociais que a religião cristã entra em contato com o mundo. Cada homem ou mulher que recebeu a iluminação divina deve derramar luz na tenda tenebrosa dos que não conhecem o melhor caminho. A influência social, santificada pelo Espírito de Cristo, deve desenvolver-se na condução de almas para o Salvador.¹⁹⁷

Um grande desafio encontrado no trabalho com os pequenos grupos é fazê-los crescer e que os mesmos permaneçam. O começo é sempre festivo, motivador e envolvente. Acontece que em algum momento da caminhada parece que o foco vai se perdendo e algo que parecia tão bom, se torna em um fracasso ou até mesmo uma decepção. Emílio Abdala¹⁹⁸ apresenta algumas ideias essenciais para que o ministério dos pequenos grupos cresça de maneira sadia e permanente em uma igreja. São elas:

¹⁹⁵ MELLO, Cyro. *Manual do discipulador cristão: como integrar plenamente o novo convertido à igreja*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004. p. 130.

¹⁹⁶ WHITE, Ellen G. *Testemunhos seletos*. v. 3. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1949. p. 57.

¹⁹⁷ WHITE, 1997, p. 496.

¹⁹⁸ ABDALA, 2013, p. 63-64.

- ✓ Começar com valores, visão, missão, filosofia de ministério e um plano compreensivo.
- ✓ Iniciar com um grupo piloto de inovadores (pequeno grupo de líderes, pastores, etc.). Treine-os em um pequeno grupo funcional.
- ✓ Começar grupos protótipos¹⁹⁹ com os inovadores. Treine um aprendiz em cada grupo.
- ✓ Permitir que o sistema cresça a partir daí, ao invés de implementar o sistema na igreja inteira.
- ✓ Certificar-se de que o evangelismo aconteça nos grupos protótipos. Permitir que o crescimento aconteça com os membros e com as pessoas de fora da igreja.
- ✓ Investir em liderança através de reuniões, treinamentos, mentoreamento, etc.
- ✓ Continuar comunicando a visão à congregação de forma variada. Uma mudança de visão acontece entre 3 a 5 anos.

Ele ainda faz uma alerta para o seguinte cuidado quanto à criação de diversos grupos no início do processo de implantação dos pequenos grupos.

Quanto mais diversificado os grupos forem no início do projeto, mais difícil será a implantação. A maneira mais sábia é iniciar poucos grupos parecidos, grupos básicos de discipulado. Então, permita que cresçam em diversidade enquanto os valores do sistema são interiorizados nas pessoas.²⁰⁰

Adolfo S. Suárez, comentando sobre a dificuldade da estabilidade dos pequenos grupos, cita quatro ingredientes que fortalecem a visão de comunidade que eles precisam ter, descritos por Peter V. Deison:

Os pequenos grupos têm estado em alta e em baixa popularidade na igreja durante séculos. E os ingredientes são: (1) objetivo claro, (2) compromisso com cada pessoa envolvida, bem como um compromisso de cada pessoa com o grupo, (3) liderança forte, amorosa, serviçal e acessível, caracterizada por um senso de unidade democrática. (4) deve haver compartilhamento explícito de crenças e valores.²⁰¹

¹⁹⁹ De acordo com Santana, “três meses bem planejados podem ser suficientes para a implantação do protótipo. Esses três meses devem ser aproveitados da maneira mais eficiente possível, sem falhas nas reuniões, com ensinamentos práticos e teóricos bem fundamentados e muita oração”. Ver: SANTANA, Heron. *Pequenos grupos, teoria e prática*. Tatuí: Casa Editora Brasileira, 2007. p. 109.

²⁰⁰ ABDALA, 2013, p. 64.

²⁰¹ DEISON, 1994 apud SUÁREZ, 2013, p. 84-85.

Outro fator que contribui muito para o sucesso na implantação da metodologia dos pequenos grupos e sua estabilidade na igreja local vem da correta compreensão por parte dos membros de que seus líderes precisam ser treinados e equipados para expandirem a visão. No livro *Pequenos Grupos, Aprofundando a Caminhada*, encontramos o seguinte comentário: “É fundamental que a igreja ofereça condições para que o pastor inicie o processo. Ele deve ser capacitado e abastecido com ferramentas básicas para formação e desenvolvimento de líderes”.²⁰²

Carlito Paes, em seu livro *Igreja Brasileira com Propósitos*, apresenta algumas vantagens e benefícios que os pequenos grupos trazem para uma igreja que está organizada e estruturada com o processo do discipulado. Em sua concepção

Os pequenos grupos despertam, mobilizam e sustentam o crescimento saudável da igreja, pois garantem o pastoreio intencional e personalizado. Seu ambiente informal promove a proximidade entre as pessoas e o torna um ótimo local para a integração e o processo de formação espiritual. Além disso, os pequenos grupos têm a vantagem de não estarem limitados ao ambiente físico do templo, o que lhes incute enorme flexibilidade e capilaridade. Todos estes fatores apenas confirmam que uma igreja saudável e que vive os propósitos de Deus deve valorizar os pequenos grupos.²⁰³

A reunião em pequenos grupos proporciona uma oportunidade de pastoreio entre os membros, ou seja, há uma relação de discipulado, em que um cuida do outro. Ninguém é esquecido e todos são amados. Por se falar de um grupo menor de pessoas, se torna muito mais fácil o conhecimento, intimidade e interação entre os seus participantes. Carlito Paes²⁰⁴ mostra que sua realização permite à igreja:

- Realizar cuidado pessoal.
- Responder às dúvidas da fé com maior agilidade.
- Gerar intimidade.
- Fortalecer os laços de família.
- Fomentar a mútua intercessão.
- Fortalecer o discipulado.
- Estimular a mentoria.

²⁰² CHAVES, Jolivê; TIMM, Alberto R. (Orgs.). *Pequenos grupos: aprofundando a caminhada*. Tatuí: Casa Publicadora, 2011. p. 123.

²⁰³ PAES, 2012, p. 151.

²⁰⁴ PAES, 2012, p. 158-159.

- Estimular o surgimento e crescimento de líderes.
- Fazer com que a comunhão efetiva aconteça.
- Preparar-se para a rede final nos dias de perseguição à igreja antes do retorno de Cristo.

Quando a igreja vive em pequenos grupos e envolve-se fortemente com o discipulado, só pode haver uma grande multiplicação de discípulos nela. Nas palavras de William A. Beckham, “o discipulado deveria resultar em uma multiplicação exponencial, mas isso não tem sido o caso. Desenvolver discípulos reprodutores não pode ser algo bem-sucedido se estiver separado da comunidade”.²⁰⁵ Ou seja, não existe discipulado maduro e produtivo sem vida em comunidade, e os pequenos grupos proporcionam essa vida entre os membros da igreja e a comunidade onde eles residem. Não podemos esquecer que é nos pequenos grupos que os membros são discipulados e treinados para o cumprimento da missão. Eles são feitos discípulos e saem para fazer mais discípulos.

Todo pequeno grupo focado e interessado no discipulado dos seus membros precisa seguir alguns passos que são de suma importância para a vida em comunidade no formato das reuniões em pequenos grupos. São eles: “espiritualidade por meio da oração e estudo da Bíblia, visão bíblica, amor pelas pessoas, multiplicação de líderes e de novos grupos, forte ênfase no discipulado cristão, treinamento e capacitação dos membros e formação de uma liderança discipuladora”.

Diante da afirmação de que todo verdadeiro crente deve se envolver com a vida em comunidade, e então, ele terá maior e melhor satisfação de ser um discipulado, Russell Burril, especialista em crescimento de igreja, afirma que “é impossível ser cristão e não estar em uma comunidade. Cristãos isolados não são realmente cristãos bíblicos, mesmo que seus nomes estejam nos livros de nossas igrejas”.²⁰⁶ É no pequeno grupo que o membro aprende a ter e viver tudo em comum. Se olharmos para o modelo de igreja encontrado no Novo Testamento, em especial no livro de Atos, encontraremos uma igreja que vivia o princípio da vida em comum. Conforme Vanderlei Gianastacio “para o autor de Atos, a vida em comum

²⁰⁵ BECKHAM, William A. *A segunda reforma: a igreja do Novo Testamento no século XXI*. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2007. p. 91.

²⁰⁶ BURRILL, Russell. *Como reavivar a igreja do século XXI: o poder transformador dos pequenos grupos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 21.

está relacionada com a mensagem que a igreja apresenta à sociedade e com as pessoas que estavam sendo salvas”.²⁰⁷

Então, para que haja uma fundamentação da fé do novo membro, e sua permanência no corpo de Cristo (a igreja) e em seus ensinamentos, é preciso envolvê-lo e comprometê-lo com a vida em comunidade, que é vivida em um pequeno grupo. Sem sua estadia e interação nessa estrutura, ficará muito mais difícil conquistá-lo e integrá-lo ao novo estilo de vida cristã. De acordo Adolfo S. Suárez, “o pequeno grupo pode se tornar um lugar onde se aprende a viver biblicamente. Isso nos prepara para uma vida mais saudável na igreja. Ali os conceitos bíblicos são vistos na prática”.²⁰⁸ Portanto, o desafio é fazer com que cada membro seja um integrante ativo de um pequeno grupo.

4.4 A alegria de pertencer a uma igreja discipuladora

Primeiramente, é necessário entender o significado da palavra igreja. Quando nos referimos à igreja, na maioria das vezes pensamos na estrutura física ou organizacional que pertencemos. E a tendência sempre que envolve responsabilidades ou tarefas a serem desenvolvidas, é sempre transferi-las ou terceirizá-las. Para T. L. Osborn, “a igreja não é a congregação nem a denominação, mas você. Cristo não reside em uma catedral de pedras ou em um templo de tijolos. Cristo reside em seu corpo. Você é o templo dEle. Tudo o que Jesus faz é por meio do seu corpo”.²⁰⁹

Portanto, se a igreja são as pessoas que aceitaram a Cristo em seus corações e se integraram a uma comunidade cristã formando, assim, uma congregação de fiéis, são os membros os responsáveis pela execução prática do discipulado nas entidades ou congregações que pertencem. Quando cada membro compartilha essa visão, eles se envolvem no discipulado e vivem a alegria de pertencer a uma comunidade discipuladora. O discipulado passa a ser parte das ações e da vida dessas pessoas.

A ordem para “fazer discípulos” deve ser estabelecida no coração da igreja; uma igreja sem discipulado é uma igreja sem coração. Podemos então dizer que

²⁰⁷ GIANASTACIO, Vanderlei. *Responsabilidade social, serviço e cidadania: à luz da igreja primitiva*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 43.

²⁰⁸ SUÁREZ, 2013, p. 88.

²⁰⁹ OSBORN, T. L. *Conquistando almas: lá fora, onde os pecadores estão*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1973. p. 19.

essa igreja está sem vida. O discipulado produz vida vibrante e contagiante em uma igreja. Uma igreja envolvida com o processo do discipulado está comprometida com o membro como pessoa, e não com o número de fiéis.

A igreja precisa demonstrar amor pelos recém-convertidos e interesse e apreciação pelos membros mais antigos. Uma igreja com um forte envolvimento dos membros e que possui um processo discipulador com seus fiéis, é muito mais atrativa e acolhedora, e assim ela atrairá mais a atenção dos descrentes. Para Ed Stetzer, “a igreja deve amar os não crentes como Jesus os amou, mas deve também chamar seus membros para o discipulado transformador, tal como fez Jesus”.²¹⁰

Nenhuma obra deve consumir maior tempo de uma igreja do que a obra de “fazer discípulos”. Segundo Michael Green “a obra mais importante de toda a igreja é o negócio de fazer discípulos”.²¹¹ A missão de “fazer discípulos” deve ecoar profundamente na vida de uma igreja. Para Bill Hull, “enquanto a igreja não tornar o fazer discípulo seu principal objetivo, a evangelização do mundo não passará de fantasia”.²¹² Quando fazemos discípulos, estamos mostrando a pessoa de Jesus como um bom Mestre e Senhor para os pecadores. E assim, eles o conhecerão, o aceitarão e por fim, o seguirão. Leroy Eims expressa que “ser discípulo é viver como tal e viver para fazer mais discípulos”.²¹³

É bem verdade que o discipulado tem um custo e consome bastante tempo dos membros de uma igreja discipuladora. Mas é a única maneira bíblica de formar completamente uma pessoa em seguidora de Cristo. Segundo Craig Ott e Gene Wilson, “o discipulado envolve mentoreamente pessoal a fim de estender o senhorio de Cristo a todas as áreas da vida da pessoa: pensamento, fé, comportamento, relacionamentos e caráter. E ele está centralizado nos ensinamentos de Jesus”.²¹⁴

4.5 Seja um membro discipulador

A pessoa que se aproxima de Cristo e aceita seu senhorio em sua vida, automaticamente toma a decisão de segui-lo, e logo deixa a título de aprendiz do Mestre e assume o posto de discipulador. Muitas mudanças ocorrem durante o

²¹⁰ STETZER, 2015, p. 330.

²¹¹ GREEN, Michael. *La evangelización en la iglesia primitiva*. Buenos Aires: Certeza, 1976. v. 1, 158 p.

²¹² HULL, 2003, p. 9.

²¹³ EIMS, 2002, p. 124-125.

²¹⁴ OTT; WILSON, 2013, p. 242.

período de formação e nutrição na vida de um discípulo de Jesus. E tudo isso serve como um verdadeiro testemunho de que vale a pena colocar-se à disposição de Cristo e deixá-lo que Ele nos conduza conforme a Sua vontade.

A obra de “fazer discípulos” é uma tarefa individual de cada cristão que aceitou o chamado para cumprir a missão. Não tem como transferir essa obra para outra pessoa. Todo membro do corpo de Cristo (igreja) deve buscar fazer sua parte. Cada crente precisa deixar de ser mero membro de igreja e se tornar um verdadeiro discipulador. Um membro discipulador vive a fé com mais alegria e sente maior satisfação em pertencer a uma comunidade cristã, pois ele é útil na obra e seus dons e talentos são usados no serviço de salvar pessoas e transformá-las em discípulos.

A escritora Ellen G. White afirma que “não há maneira melhor de formar cristãos saudáveis espiritualmente do que mantê-los ativos no trabalho missionário de fazer discípulos”.²¹⁵ Para Keith Phillips, “o discipulado é a única maneira de evitar a má nutrição e a fraqueza dos filhos espirituais pelos quais sou responsável. É o único método que produzirá cristãos maduros e capazes”.²¹⁶

Todo cristão precisa assumir a postura e a missão de um verdadeiro discipulador. O processo de formação de um discipulador pode até demorar, mas não falhará. Como explica Adolfo S. Suárez, “o processo da formação de um discípulo e de um discipulador é lento. E a lentidão não se deve a Deus. A lentidão, muitas vezes, ocorre pela própria dificuldade humana em engajar-se nesse processo”.²¹⁷ Mas a demora do processo, pode sim ter um lado altamente positivo: ajuda o cristão a pensar profundamente no chamado recebido, na missão que o espera e na obra que Deus fará em sua vida para depois enviá-lo como seu representante ao mundo.

Cabe então a cada cristão que aceitou o desafio de ser um discipulador, buscar entender e engajar-se o mais rapidamente possível no processo de transformação e multiplicação de discípulos para discipuladores. Quanto mais rápido você entender, mais rápido será seu envolvimento, pois a missão de um discipulador vai muito além de dar testemunho sobre Jesus: ele também deverá “fazer outros discípulos”.

²¹⁵ WHITE, 2008, p. 354-355.

²¹⁶ PHILLIPS, 2008, p. 18.

²¹⁷ SUÁREZ, 2013, p. 51.

Bill Bright, ao ressaltar sobre esse imperativo de o discipulador formar outros discípulos, apresenta a necessidade de “equipar os crentes não apenas para testemunhar, mas também para treinar outros novos crentes com a finalidade de se tornarem multiplicadores espirituais”.²¹⁸

Uma das responsabilidades da igreja é levar cada membro a ser um discipulador. O processo não encerra quando a pessoa é batizada, mas sim, quando ela é discipulada e enviada a discipular. Daniel e Isabel Rode ressaltam que “erramos quando não damos seguimento ao processo de discipular, ensinar e enviar o novo convertido em busca de outras almas”.²¹⁹ Portanto, todo novo membro deve ser preparado para ser um novo discipulador.

Existem diversas formas de diferenciar um crente comum de um crente discipulador. Em seu livro *Discipulado que transforma*, Josué Campanhã apresenta quarenta e oito diferenças entre o crente e o discípulo.²²⁰ Faremos algumas adaptações trocando a palavra discípulo por membro discipulador e publicaremos algumas delas aqui. Toda pessoa que aceita o desafio de ser um discípulo de Jesus é um crente em Jesus. Só que nem todo crente se torna um membro discipulador. Para George Barna, “os crentes que não crescem em seu compromisso básico com Cristo, podem até terem certeza da salvação eterna, mas falharam em tornar-se verdadeiros discípulos do Mestre”.²²¹ Chegar a ser um discipulador é o ideal de todo aquele que crê em Deus e a aceitou o seu chamado.

- ✓ O crente comum espera receber pães e peixes; o membro discipulador é um bom pescador.
- ✓ O crente comum faz de tudo para crescer; o membro discipulador luta para se reproduzir.
- ✓ O crente comum depende dos afagos, elogios e estímulos de seus líderes para se motivar; o membro discipulador é motivado pelo sacrifício de Cristo e motiva os outros.
- ✓ O crente comum faz somente o que lhe pede; o membro discipulador é inovador e revolucionário.

²¹⁸ BILL, 1997 apud SUÁREZ, 2013, p. 52.

²¹⁹ RODE, Daniel; Isabel. *Crescimento: chaves para revolucionar sua igreja*. São Paulo: Unaspress, 2007.

²²⁰ CAMPANHÃ, 2012, p. 169-173.

²²¹ BARNÁ, George. *Evangelização eficaz: alcançando gerações em meio a mudanças*. Campinas: United Press, 1998. p. 51.

- ✓ O crente comum está preso às circunstâncias; o membro discipulador as usa para exercer a sua fé.
- ✓ O crente comum é egoísta até quando pensa; o membro discipulador sempre está pensando nos demais.
- ✓ O crente comum se senta para adorar e presenciar uma boa adoração; o membro discipulador vive adorando e sempre faz parte da adoração.
- ✓ O crente comum se sente parte de uma corporação; o membro discipulador se reconhece como membro do corpo de Cristo.
- ✓ O crente comum é um problema para igreja; o membro discipulador é parte da solução.
- ✓ O crente comum luta para ir para o céu; o membro discipulador batalha para levar juntamente com ele o maior número de pessoas para o céu.
- ✓ O crente comum precisa de eventos e programas para motivar-se na fé; o membro discipulador vive motivado em Jesus.
- ✓ O crente comum, longe do templo, esquece que é uma igreja; o membro discipulador é um templo onde quer que vá.
- ✓ O crente comum constrói templos para o seu conforto; o membro discipulador planta igrejas para as pessoas congregarem.
- ✓ O crente comum se sente sócio de Deus; o membro discipulador é um servo de Jesus.
- ✓ O crente comum tem sempre uma desculpa; o membro discipulador está sempre de prontidão.
- ✓ O crente comum gosta de ser pastoreado; o membro discipulador pastoreia.
- ✓ O crente comum está sempre pedindo oração; o membro discipulador ora constantemente pelos outros.
- ✓ O crente comum está sempre tentando se justificar com as obras; o membro discipulador é justificado pela obra de Cristo na cruz.
- ✓ O crente comum deseja que o mundo melhore; o membro discipulador melhora o mundo começando por onde está e com quem vive.
- ✓ O crente comum gosta que os outros lhe interpretem e expliquem a Bíblia; o membro discipulador busca ajuda do Espírito Santo para entender e praticar a Palavra do Senhor.
- ✓ O crente comum diz: “Eu fiz”; o membro discipulador fala: “O Senhor me usou para fazer”.

Qual é então o desafio? Onde talvez estão errando alguns cristãos? A resposta certa está no ato de tomar a decisão de deixar de ser um simples membro de igreja, e viver o verdadeiro estilo de vida de um discipulador. Cada discípulo de Jesus precisa chegar ao nível de um membro discipulador. Sua busca deve ser a multiplicação de discípulos, e não simples alcance de um alvo.

Para Peter Wagner, a diferença entre os que tomam decisões e aqueles que se tornam membros ativos na igreja “está em falhar no acompanhamento”.²²² O produto final da missão da igreja deve ser mais discípulos para Deus, e não somente decisões. Quando falhamos nisso, perdemos o significado e o foco real da missão. A igreja precisa fazer com que cada cristão seja um discípulo. James A. Cress afirma que “é imprescindível que a igreja entenda que o objetivo de Deus não mudou. Ele ainda acredita que o mundo precisa ser alcançado”.²²³ E isso só será possível quando cada cristão se transformar em um membro discipulador.

Os membros devem sair para discipular. Mas enviar alguém como discípulo de Jesus para cumprir a missão sem antes ter passado pelo processo do discipulado é como dar um carro para uma pessoa dirigir sem que ela tenha passado pela autoescola. De acordo Walmir Arantes da Rosa, “sem discipulado, o envio de discípulos não é natural, não é real e se existir, será fantasioso. Essa tarefa de ir fazer discípulos só pode ser desempenhada por um discípulo que aprendeu a discipular com seu discipulador”.²²⁴

Cada membro do corpo de Cristo pode ser um verdadeiro discipulador. O foco deve estar nas pessoas e não nos métodos. Os métodos podem até mudar, mas as pessoas são as mesmas que um dia Deus criou e salvou. Deus usa pessoas, e não métodos. Mas não esqueçamos que Jesus Cristo e os apóstolos foram bem sucedidos, porque seguiram o método bíblico de “fazer discípulos”. Toda pessoa que se coloca inteiramente nas mãos e à disposição de Deus pode ser usada poderosamente no cumprimento da missão.

²²² WAGNER, 1979 apud CRESS, 2010, p. 16.

²²³ CRESS, 2010, p. 16.

²²⁴ ROSA, 2013, p. 166.

CONCLUSÃO

O discipulado deve acompanhar toda a trajetória de vida de um cristão. Ele é um processo contínuo e permanente na formação e transformação daqueles que decidem seguir a Jesus Cristo. Não há pausa ou intervalo nesse estilo de vida cristã, o membro precisa ser e viver como um modelo fiel de Cristo aqui na terra. Sua vida deve refletir total dependência e semelhança com o seu Mestre Jesus.

Alton Garrison, em seu livro *Discípulo 360º*, ao falar sobre o processo do discipulado, ressalta que o discipulado acompanha toda a vida de uma pessoa, iniciando em seu nascimento e seguindo até a sua morte. O discipulado é uma verdadeira jornada, e a igreja deve avançar com essa visão na preparação de todos os seus membros, adultos, jovens e crianças. O discipulado tem suas raízes fincadas na Palavra de Deus, é um tema bíblico, seus princípios e passos são extraídos das Sagradas Escrituras. Annie Besant diz que “todas as Escrituras Sagradas do mundo aludem ao discipulado”.²²⁵

Para que um cristão seja um verdadeiro discípulo de Cristo e cresça no processo do discipulado, ele precisa ter como estilo de vida a busca constante da presença de Jesus em sua vida. E isso, só é possível por meio do estudo sistemático da Palavra de Deus e de uma vida de oração. A comunhão é indispensável para a formação de um discípulo. O estudo da Bíblia prevê as lentes bíblicas para vermos o mundo, e a oração nos mantém em constante contato com Deus e sempre respirando a atmosfera do céu.

A convivência do discípulo com o seu mestre e discipulador o levará a parecer com ele. O tempo de convivência é crucial nesse processo. Francis Chan e Mark Beuving comentam que “é impossível ser discípulo ou seguidor de alguém e não acabar ficando parecido com aquela pessoa. Jesus disse: ‘O discípulo não está acima do seu mestre, mas todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre’ (Lc 6.40)”.²²⁶ O processo do discipulado permite e facilita essa semelhança entre o discípulo e o discipulador.

Nas palavras de Juan Carlos Ortiz, “os discípulos vão à casa do seu discipulador, observam como ele vive, e procuram viver da maneira como ele vive. O

²²⁵ BESANT, Annie. *O caminho do discipulado*. São Paulo: Editora Pensamento, [s.d.]. p. 36.

²²⁶ CHAN; BEUVING, 2015, p. 18.

disciplinador ensina mais vivendo do que falando”.²²⁷ No processo do disciplinado, a via de maior alcance e probabilidade de aprendizado não está no discurso, mas na prática, ou seja, no jeito de ser.

Ter um estilo de vida disciplinador não é uma opção para o cristão, mas sim um princípio bíblico. Esse deve ser o objetivo de todo crente em Jesus. Ele precisa chegar a ser e viver como o seu Senhor. O disciplinado não deve ser mais um programa da igreja dentro do seu planejamento, mas ela deve buscar fazer com que todos os seus eventos, atividades e programas objetivem disciplinar seus membros para que eles discipulem outros e, assim, acontecerá a tão esperada e explosiva multiplicação do número de fiéis e novos discípulos.

A igreja precisa ser discípula e fazer discípulos. Uma igreja disciplinadora está altamente preocupada com a formação e capacitação de novos missionários, gente que expandirá o Reino de Deus e aumentará o número de salvos. E a estrutura do disciplinado abre os caminhos para a formação desses missionários. As pessoas entram como membros da igreja, são transformados em discípulos e saem como disciplinadores. É um ciclo que não pára de produzir e se multiplicar.

Disciplinado é disciplinado, é o que hoje se espera de todo aquele que aceitou a Cristo como seu Senhor e Salvador. É o jeito de ser de uma igreja, é o respirar de um fiel cristão. É o único método bíblico capaz de fazer com que qualquer igreja submissa e obediente às ordens de Deus cresça e apareça para sua honra e glória. Perder essa maravilhosa arte de formação de líderes é como atirar na direção errada esperando atingir o alvo certo. É impossível crescer sem disciplinar.

Baseado em 1 João 3.16, Jesus define disciplinado como sendo um amor pelas pessoas. As pessoas podem ver a Cristo em nossa maneira de ser e viver. Mas essa visão só é compreensível quando amamos uns aos outros. A nossa união com Cristo torna possível que tenhamos uma vida capaz de salvar e encaminhar outras pessoas ao Salvador.

Segundo Waylon B. Moore, “quando a igreja exala discípulos, inala convertidos. O alvo de disciplinar é o desenvolvimento de um grupo dedicado de crentes que penetrarão com eficiência em um mundo perdido”.²²⁸ Como se pode observar, a evangelização e o disciplinado são misturados. Quem evangeliza também disciplina.

²²⁷ ORTIZ, 1987, p. 68.

²²⁸ MOORE, 1990, p. 3.

Waylon B. Moore²²⁹ apresenta cinco vantagens do discipulado na estrutura missionária e evangelística de uma igreja, na formação de líderes e estabilidade dos novos conversos:

1. Discipular é uma das maneiras mais estratégicas para se ter um ministério pessoal ilimitado.
2. Discipular é o mais flexível dos ministérios.
3. Discipular é a maneira mais rápida e mais segura de mobilizar todo o corpo de Cristo para evangelizar.
4. Discipular tem um potencial de mais longo alcance para produzir frutos do que qualquer outro ministério.
5. Discipular propicia à igreja local maduros líderes leigos centralizados em Cristo e orientados para a Palavra.

Portanto, entendemos que ser discípulo é muito diferente de ser um mero membro de igreja. Você não é membro de um clube social, mas participante ativo de um corpo espiritual. E como membro do corpo de Cristo, que é a igreja, você é sempre ativo e participante da missão desse corpo, e não um simples espectador. Suas ações devem ser concentradas na missão de “fazer discípulos”.

²²⁹ MOORE, 1990, p. 31.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Emilio. *Diagnose: avaliando e planejando o crescimento da igreja local*. Artur Nogueira, SP: União Central da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2013.
- _____. *Fator amizade: contagiando o mundo para Cristo*. São Paulo: Parma, 2011.
- ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia de Estudo Almeida: revista e atualizada*. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- ANTONIAZZI, Alberto. *Ele caminha à vossa frente: o seguimento de Jesus pelo Evangelho de Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o evangelho de Marcos: Quem é Jesu?*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *O evangelho*. São Paulo: Loyola, 1990.
- BARCLAY, William. *Comentário al Nuevo Testamento*. Barcelona: Editorial CLIE, 2006.
- BARNA, George. *Evangelização eficaz*. Campinas: United Press, 1998.
- BECKHAM, William A. *A segunda reforma*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007.
- BESANT, Annie. *O caminho do discipulado: da purificação ao pleno desenvolvimento do indivíduo*. São Paulo: Editora Pensamento, [s.d.].
- BÍBLIA de Jerusalém edição revista. São Paulo: Paulus, 2000.
- BÍBLIA Sagrada Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BÍBLIA de Referência Thompson. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 12. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- BONNKE, Reinhard. *O tempo está se esgotando*. Belo Horizontes: Bello Publicações, 2009.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- BRAVO, Carlos. *Galiléia ano 30 para ler o evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BRIGHT, Bill. *5 Steps to Marking disciples: leader's guide*. Orlando: New Life Publications, 1997.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRUCE, Alexander Balmain. *O treinamento dos doze: princípios bíblicos saudáveis para o desenvolvimento da liderança e do discipulado*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

BRUNER, Frederick Dale. *Matthew, v. 2, the churchbook, Mateus 13-28*. Dallas: Word, 1990.

BURRILL, Russell. *Como reavivar a igreja do século 21*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. *Discípulos modernos*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. *A Proclamação da esperança*. 2. ed. São Paulo: Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja, 2011.

CAMACHO, Fernando; MATEOS J. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998.

CAMPANHÃ, Josué. *Discipulado que transforma: princípios e passos para revigorar a Igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012.

CARSON, D. A. (Org.). *A verdade*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CHAN, Francis; BEUVING, Mark. *Multiplique discípulos que fazem discípulos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

CHAVES, Jolivê; TIMM, Alberto R. (Orgs.). *Pequenos grupos: aprofundando a caminhada*. Tatuí: Casa Publicadora, 2011.

COLIN, Brown. *Dicionário internacional de teologia do NT*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLEMAN, Robert. *Plano mestre de evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

COOK, Guillermo; Ricardo Foulkes. *Marcos*. Miami: Editorial Caribe, 1993.

CRESS, James. *Comunidade de amor*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

DEBARROS, Aramis C. *Doze homens, uma missão: um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de Cristo*. São Paulo: Hagnos, 2006.

DOUGLAS, J. D. ed. *The work of an evangelist*. Minneapolis: World Wide Publications, 1984.

EBERHART, Markus. *Passo a passo com Jesus: um guia prático para estudos individuais ou em pequenos grupos*. São Paulo: Ágape, 2011.

ELMASIAN, Eduardo. *O desafio de fazer discípulos: como discipular usando os métodos de Jesus*. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1993.

ELWELL, Walter A.; Robert W. Yarbrough. *Descobrendo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

- ELLIOT, John Hall. *Um lar para quem não tem casa: interpretação sociológica da primeira carta de Pedro*. São Paulo: Paulus, 2011.
- EIMS, Leroy. *A arte perdida de fazer discípulos: uma orientação prática àqueles que querem discipular*. Belo Horizonte: Atos, 2002.
- ENGEN, Charles Van. *Povo missionário, povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- ENGLISH, Donald. *Discipulado cristão, o caminho difícil: estudos sobre o Evangelho de Marcos*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1977.
- FERREIRA, Otoniel de Lima (Ed. Org). *Uma igreja que cresce: métodos modernos e ideias básicas para o desenvolvimento da igreja de Deus*. Cachoeira, BA: Instituto de Crescimento de Igreja, 2012.
- GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando; CORREIA João Luiz Júnior. *Comentário bíblico: evangelho de Marcos*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARRISON, Alton. *Discípulo 300º: de volta à essência*. Rio de Janeiro: BV Books, 2015.
- GIANASTACIO, Vanderlei. *Responsabilidade social, serviço e cidadania à luz da igreja primitiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- GREEN, Michael. *La evangelización en la iglesia primitiva*. Buenos Aires: Certeza, 1976.
- HAYES, Ed. *A igreja: o corpo de Cristo no mundo de hoje*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- HARRISON, Everett F. *El comentario bíblico moody*. Chicago: Editorial Moody, 1971.
- HENRICHSEN, Walter A. *Disciples are Made – not born*. Wheaton: Victor, 1986.
- HULL, Bill. *A igreja que faz discípulos*. São Paulo: EBR, 2003.
- _____. *The complete book of discipleship: on being and Marking followers of Christ*. Colorado Springs, CO: NovPress, 2006.
- _____. *The disciple-making pastor: leading others on the Journey of Faith*. Grand Rapids: Baker, 2007.
- KLINGBEIL, Gerald A. (Ed.). *Misión y contextualización*. 1. ed. Libertador San Martín, Entre Ríos: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2005.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LANE, William L. *The gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1974.
- LEFEVER, Marlene D. *Estilos de aprendizagem: como alcançar cada um que Deus lhe confiou para ensinar*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

LENTZEN-DEIS, Fritzleo. *Comentario al evangelio de Marcos: modelo de una nueva evangelización*. Estella: Verbo Divino, 1998.

LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades?: a dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1986.

LOPES, Derson. *Administração da igreja missional*. São Paulo: Núcleo Missional APL, 2012.

LOPES, Mercedes. *Discípulos e discípulas de Jesus no Evangelho de Marcos*. São Leopoldo, RS: CEBI, 2012.

MACDONALD, William. *O discipulado verdadeiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

MARCUS, Joel. *El evangelio según Marcos: nueva traducción con introducción comentario*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

MASTRAL, Daniel e Isabela. *Missões, conhecendo para evangelizar*. Niterói: BV Films Editora Ltda, 2012.

MELLO, Cyro. *Manual do discipulador cristão: como integrar plenamente o novo convertido à igreja*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

MONTEIRO, Rafael Luiz. *Discipulado*. São Paulo: Unaspres, 2004.

MOORE, Waylon B. *Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja*. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.

MORACHO, Félix. *Como ler os evangelhos, para entender o que Jesus fazia e dizia*. São Paulo: Paulus, 1990.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1978.

NESTLE, Eberhard, Erwin Nestle; Kurt Aland. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1979.

NEWBIGIN, James E. *The open secret: sketches for a missionary theology*. Grand Rapids, Eerdmans, 1978.

ORTIZ, Juan Carlos. *O discípulo*. São Paulo: Editora Betânia, 1977.

_____. *Ser e fazer discípulos*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

OSBORN, T. L. *Conquistando almas lá fora, onde os pecadores estão*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1973.

OTT, Craig; WILSON Gene. *Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação*. Curitiba: Editora Esperança, 2013.

PAES, Carlito. *Igreja brasileira com propósitos: a explicação que faltava*. São Paulo: Vida, 2012.

PETERS, George W. *Teologia bíblica de missões*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.

PHILIP, Van Linden. *El evangelio de San Marcos*. Collegeville: The Liturgical Press, 1998.

PHILLIPS, Keith. *A formação de um discípulo*. São Paulo: Editora Vida, 2008.

PIPER, John. *O que Jesus esperava de seus seguidores: mandamentos de Jesus ao mundo*. São Paulo: Vida, 2008.

POHL, Adolf. *O evangelho de Marcos, comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

RAINER, Thom S.; Eric Geiger. *Igreja simples: retornando ao processo de Deus para fazer discípulos*. Brasília: Editora Palavra, 2011.

RASO, Bruno Alberto. *El hacer discípulo de San Mateo 28.18-20: una interpretación bíblica-teológica y su concepción en la Iglesia Adventista del Séptimo Día*. 1988. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia Pastoral, Libertador San Martin, Entre Ríos, Argentina: Seminário Latinoamericano de Teologia, 1988.

REIMER, Ivoni Richter. *Compaixão, cruz e esperança*. São Paulo: Paulinas, 2012.

RICHARDSON, Don. *O fator Melquisedeque*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

RODE, Daniel; Isabel. *Crescimento: chaves para revolucionar sua igreja*. São Paulo: Unaspres, 2007.

ROLOFF, Jürgen. *A igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

ROSA, Walmir. *Igreja essencial*. São Paulo: Imprensa da Fé, 2013.

SANTA, Bíblia. *Santa Biblia internacional*. Miami: Sociedad Biblica Internacional, 1999.

SANTANA, Adão de. *O método favorito de Jesus para fazer discípulos*. Santos: Gráfica Impressos Rápidos Ltda, 1996.

SANTANA, Heron. *Pequenos grupos, teoria e prática*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

SCHOLZ, Vilson; Roberto G. Bratcher. *Novo Testamento interlinear grego - português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. *A prática do desenvolvimento natural da igreja*. 2. ed. Curitiba: Esperança, 2009.

SOUZA, Elias Brasil de. (Ed.). *Teologia e metodologia da missão: palestras apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul-americano*. Cachoeira: CePLiB, 2011.

SOARES, Sebastião Armando; CORREIA, João Luiz Júnior. *Evangelho de Marcos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

STEGENGA, J. *The greek-english analytical concordance of the greek-english New Testament*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1963.

STETZER, Ed. *Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

STOTT, John. *Os cristãos e os desafios contemporâneos*. Viçosa: Editora Ultimato Ltda, 2014.

SUÁREZ, Adolfo S. *Nos passos do Mestre*. 1. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

THIELMAN, Frank. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

THOMPSON, W. Oscar, Jr. *Concentric circles of concern*. Nashville: Tidings, 1973.

VINE, W. E. *Diccionario expositivo: de las palabras del AT y NT exhaustivo de Vine*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2007.

WAGNER, C. Peter. *Your church can Grow*. Ventura: Regal, 1987.

WENZEL, João Inácio. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997.

WHITE, Ellen G. *A ciência do bom viver*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. *Obreiros evangélicos*. 5. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. *O desejado de todas as nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

_____. *Evangelismo*. 3. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. *Serviço cristão*. 8. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

_____. *Testemunhos seletos*. v. 3. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1949.

WIRT, Sherwood Eliot. *Evangelism: the next ten years*. Waco: Word, 1978.

WRIGHT, Christopher J. H. *A missão do povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2012.